

SOBRE OS QUE FAZEM A GUERRA: MIGRAÇÃO, ORIGEM E PERFIL SOCIAL DOS SOLDADOS DO EXÉRCITO DA COMPANHIA DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS (1630-1654).

BRUNO ROMERO FERREIRA MIRANDA¹

Resumo: Entre os anos de 1630 e 1654, a Companhia das Índias Ocidentais (*West-Indische Compagnie*, ou WIC) contou com o serviço de milhares de homens para mover uma guerra de conquista, expansão e manutenção de parte do Brasil. Apesar de muitos pesquisadores terem se dedicado ao estudo do período histórico chamado de Brasil Neerlandês e feito pesquisas sobre uma ampla variedade de temas, a história da gente alistada na Europa para o serviço de guerra da WIC continua desconhecida. O objetivo deste artigo é preencher essa grande lacuna na historiografia sobre o Brasil Neerlandês e oferecer elementos para um melhor entendimento desse período histórico, bem como mostrar como esses recrutados estavam inseridos em um circuito mais amplo de migrações atlânticas.

Palavras-chave: Migrações atlânticas, Brasil Neerlandês, Soldados.

Abstract: Between the years of 1630 and 1654, the West India Company (*West-Indische Compagnie*, or WIC) has used in its service thousands of men to move a war of conquest, expansion and maintenance of Brazil. Despite many scholars have written about the historical period called Dutch Brazil and have done research about different aspects, the history of the people recruited in Europe for the service of war of the WIC is still unknown. The objective of this article is to cover up this gap in the historiography and to show how the recruited were inserted in a more wide circuit of migration in the Atlantic.

Key-words: Atlantic Migrations, Dutch-Brazil, Soldiers.

Introdução

“A 14 de março, quinta-feira, aproximadamente às 6 horas da manhã, despedi-me do pai, da mãe e dos irmãos; e com Miguel Nielsen, o correio de Brarup, e um sapateiro, companheiro de Buhrkarl, saímos a pé de Hajstrup”.

Peter Hansen, *Memorial und Jurenal von alles was auff meine Reiß*²

No ano de 1643, um jovem de 19 anos de idade chamado Peter Hansen saiu da pequena vila de Hajstrup, no Sul da Jutlândia (Dinamarca), quando seus irmãos mais velhos herdaram a fazenda da família. A busca por melhores oportunidades moveu o

rapaz, junto com outros dois amigos, a se deslocar por onze dias até alcançar København (Copenhagen), onde em pouco tempo ele conseguiu trabalho como ajudante de secretário na padaria do Real Armazém de Víveres. Quase um ano e meio depois, após se desentender seriamente com um funcionário do Real Armazém, Hansen decidiu abandonar o serviço. No entanto, ele foi coagido por seu chefe a permanecer no cargo. Depois de uma nova tentativa frustrada de sair do Real Armazém, Peter Hansen finalmente conseguiu se desligar do emprego. Junto com um amigo, ele iniciou outra jornada em busca de trabalho e acabou seguindo para uma cidade procurada sobremaneira por gente do Norte da Europa: Amsterdam. Nessa cidade, em menos de um mês após sua chegada e de quase dois anos após sua saída de Hajstrup, Hansen, sem dinheiro, encontrou serviço na Casa da Companhia das Índias Ocidentais (*West-Indische Compagnie*, ou WIC). Uma vez contratado, ele seguiu de Amsterdam para Texel, de onde empreendeu uma longa viagem para o Brasil, tal qual fizeram milhares de homens de seu tempo.³

A jornada européia feita por Peter Hansen está inserida numa ampla corrente migratória direcionada aos Países Baixos, especificamente na área que compreendia a República das Províncias Unidas. Tal fluxo de pessoas não foi gerado por acaso e também não foi limitado a um curto período de tempo. Calcula-se que entre os anos de 1600 e de 1800, mais de 2 milhões de imigrantes foram para regiões centrais no Oeste da República, com o objetivo de residir, trabalhar temporariamente ou servir em suas tropas, navios e colônias.⁴ Nesse período, entre as muitas regiões da Europa Ocidental, a área da República era vista como a mais atrativa, por conta da sua prosperidade econômica, melhores salários e da maior liberdade religiosa. Ainda que tais vantagens devam ser relativizadas, uma vez que a República não era tolerante com todas as idéias dissidentes e não era um paraíso para todos os que viviam dentro de suas fronteiras,⁵ a região não sofreu de maneira drástica os efeitos de conflitos travados em áreas próximas, isto é, a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) e a Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648). Ademais, a prosperidade da República contrastava, apesar da péssima situação dos trabalhadores, com a miséria e o desemprego das terras vizinhas.⁶ Outra ressalva precisa ser feita. Adversidade e pobreza não constituíam os únicos fatores de migração. A jornada de Hansen e de outros jovens alistados na WIC, que possuíam emprego e gozavam de condição de vida relativamente boa – comparada com o que geralmente se atribui aos migrantes na literatura – serve para provar tal afirmativa.

Dentre os migrantes masculinos estabelecidos na República, boa parte foi direcionada para compor as fileiras do exército europeu e colonial, continuamente dependente do componente estrangeiro para fortalecer sua efetividade. Como esses estrangeiros foram redirecionados para trabalhar nas colônias, eles podem ser chamados de transmigrantes, uma vez que a República figurou apenas como local de trânsito ou estabelecimento temporário.⁷ Além da composição das tropas na luta contra os espanhóis em suas fronteiras, a República carecia do elemento estrangeiro para os trabalhos agrícolas e industriais na Europa, para o arranjo das tripulações dos navios mercantes e das companhias de comércio de além-mar e dos agrupamentos militares nas colônias. De fato, a manutenção dos interesses comerciais no império marítimo neerlandês requeria uma força de trabalho tão grande que a República não podia depender apenas do crescimento natural da sua própria população, que no zênite de seu desenvolvimento econômico foi estimada em cerca de 1.950,000.⁸ Somente o mercado de trabalho masculino nas regiões centrais da República dependia em 50% de pessoas nascidas fora dessas regiões.⁹

No caso da composição dos efetivos marítimos, militares e operacionais do ultramar, havia ainda uma relutância das classes média e alta holandesas em aceitar trabalho nessas companhias. Essa falta de motivação está relacionada sobretudo aos riscos da viagem às Índias e aos perigos da vida nos trópicos, além das possibilidades de obtenção de emprego na República. Isso ajuda a explicar porque ambas as companhias empregavam grandes proporções de estrangeiros.¹⁰ Foi por conta dessa necessidade que Peter Hansen conseguiu trabalho na WIC.

Em 1629, muitos anos antes do alistamento de Hansen, outro estrangeiro, o estrasburguês Ambrosius Richshoffer, desceu o rio Reno juntamente com alguns amigos na intenção de seguir para as Índias Orientais. Após chegar a Amsterdam, em 1629, e não conseguir trabalho na Companhia Unida das Índias Orientais (*Vereenigde Oostindische Compagnie*, ou VOC), juntou-se às forças da WIC que compunham a primeira expedição de ataque a Pernambuco.¹¹ Como Peter Hansen, Richshoffer também deixara um emprego para trás com a intenção de viajar às Índias.

Apesar de o amplo movimento de redirecionamento de pessoas da República às Índias Ocidentais e Orientais ter sido objeto de estudo de alguns pesquisadores,¹² pouco se sabe a respeito do caso específico no qual os dois jovens mencionados estiveram inseridos: a transmigração de homens para o serviço de guerra da WIC no Brasil, entre

os anos de 1629 e 1653. Além da ausência geral de números mais sólidos sobre a migração da República para o Oeste, observa-se ainda a falta de um estudo demográfico e social do exército da WIC no Brasil.¹³ A esse respeito, o historiador P. C. Emmer afirmou que não existiam fontes específicas a respeito da origem social e geográfica dos soldados que serviram a WIC. Posteriormente, ele, junto com E. van den Boogaart, advertiu ainda que as informações quantitativas a respeito do deslocamento de pessoas da Europa para África e Ásia através de rotas de comércio ultramarino só estavam disponíveis no que se referia ao fluxo direcionado à esfera da VOC.¹⁴

As páginas seguintes serão destinadas à obtenção de informações mais específicas a respeito desse grupo particular de migrantes ou transmigrantes. Portanto, serão trabalhados temas que os historiadores neerlandeses supracitados julgaram difíceis de fazer, visto a escassez e a natureza das fontes. Isso será feito através da elaboração de um estudo da origem geográfica e social dos homens recrutados pela WIC. Serão ainda abordados aspectos como faixa etária, estado civil e opção religiosa. Uma observação deve ser feita: parte dos militares a serviço da WIC enviados ao Brasil devem ser pensados como trabalhadores migrantes redirecionados ou transmigrantes. Eles viajavam sob contrato temporário e normalmente tinham por intenção retornar para a Europa em algum momento. No entanto, é muito difícil identificar quem pretendia migrar e quem queria apenas passar uma determinada quantidade de tempo e retornar. A falta de registros que contenham dados mais apurados sobre o retorno, em termos quantitativos, torna tal tarefa de difícil execução.

Origem geográfica

“Senhores, os Franceses, Valões, Ingleses, Flamengos e Alemães e todas [as] outras nações [...]”.¹⁵ Essas foram as palavras iniciais de um panfleto escrito em francês endereçado às tropas da WIC no Brasil no ano de 1645. Tal folheto era uma convocatória feita pelos portugueses aos militares da WIC, de forma que eles passassem para o lado dos rebeldes, em sedição desde meados de 1645. Sem casualidade, o panfletista francês, François de La Tour, mencionou os locais de origem da maior parte dos efetivos enviados ao Brasil. A variedade de origens entre o pessoal militar no Brasil não era algo incomum. Virtualmente todos os exércitos europeus dos séculos XVI e XVII agregavam misturas, no sentido de que eram compostos, em variadas proporções,

de tropas nativas e estrangeiras.¹⁶ O próprio exército da República das Províncias Unidas, por exemplo, tinha percentuais de estrangeiros, entre suboficiais e soldados, que flutuavam entre 40 e 60%, enquanto que as diferentes atividades da marinha, de guerra e mercante, e das companhias comerciais neerlandesas – VOC e WIC – possuíam quantias semelhantes.¹⁷ Durante a Guerra dos Oitenta Anos, a maioria dos corpos militares que lutavam contra as tropas do Império Habsburgo – também formadas por homens de diferentes localidades – não eram compostos somente por neerlandeses, mas por alemães, valões e outros estrangeiros. Regimentos inteiros de escoceses e ingleses serviram nos exércitos das Províncias Unidas por muitos anos, embora os soldados neerlandeses não fossem tão raros.¹⁸ Essas quantidades variavam de acordo com as circunstâncias e geralmente atingiam números mais elevados em tempos de emergência e conflitos.¹⁹

A origem geográfica e o percentual dos militares estrangeiros a serviço da República e da VOC foram bem determinados. No caso da VOC, o percentual de estrangeiros foi estabelecido pelos pesquisadores J. R. Bruijn e Jan Lucassen, através da análise de um grande número de amostras e de estudos individuais das câmaras que compunham essa companhia.²⁰ Pode-se dizer que cerca de 60% dos soldados e 40% do pessoal marítimo da VOC tinha origem fora da República.²¹ Os grupos de estrangeiros europeus da VOC eram constituídos de homens oriundos dos Estados Alemães, dos Países Baixos do Sul, da Suíça, da Inglaterra, da Escócia, da Irlanda, da Escandinávia, entre outras localidades.²² Desse montante, mais da metade correspondia a pessoas oriundas dos Estados Alemães. Por câmara, no entanto, essas taxas variavam de acordo com a proximidade das áreas que forneciam pessoal. Hoorn e Enkhuizen, por exemplo, recebiam mais pessoas vindas do Mar Báltico, enquanto que a Zelândia, dos Países Baixos do Sul, principalmente de cidades de Flandres e do Brabante.²³

Em relação à WIC, os percentuais de estrangeiros e a procedência das tropas enviadas ao Brasil – ou mesmo ao Oeste – foram pouco estudados. Na historiografia, o assunto não renderia mais que algumas frases, geralmente não acompanhadas de números e resumidas à enumeração sucinta dos locais de origem do que Hermann Wätjen chamou de “mixórdia de mercenários” que compunha o braço armado da WIC.²⁴ Isso se deve principalmente aos problemas de quantificação mencionados anteriormente. Segundo P. C. Emmer, W. Klooster e V. Enthoven, os europeus saídos das Províncias Unidas para diferentes áreas do Atlântico, entre 1600 e 1800, eram em

sua maioria gente dos Estados Alemães e da Escandinávia.²⁵ Não foram mencionadas as quantidades desses elementos em relação ao total.

Uma tabela elaborada por J. Jacobs demonstra a variedade do local de origem de alguns militares nos Novos Países Baixos, colônia da WIC na América do Norte. A partir de 304 nomes, J. Jacobs indicou que 32,6% dos soldados estacionados naquela região eram oriundos das Províncias Unidas. Dos estrangeiros, a maior parte – 35,5% – vinha dos Estados Alemães. Os outros vinham dos Países Baixos do Sul, da Escandinávia, da Inglaterra, da França e da Suíça.²⁶ Há muito mais variedade do que apontaram P. C. Emmer, W. Klooster e V. Enthoven e no Brasil, os escandinavos não parecem compor um dos grupos mais numerosos. Para C. R. Boxer, um dos poucos a comentar sobre o número e a procedência dos estrangeiros das tropas da WIC no Brasil, a proporção de “alemães” deve ter variado e não teria sido tão elevada em nenhuma taxa antes de 1642. Nesse ano, Johan Maurits van Nassau-Siegen, governador do Brasil entre 1637 e 1644, em resposta a um pedido de dispensa feito pelos Senhores XIX para todos os soldados não oriundos dos Países Baixos, Estados Alemães ou da Escandinávia, respondeu que a maioria dos seus homens era oriunda da Inglaterra, Escócia e França.²⁷

A despeito da lacuna sobre o assunto na literatura, uma maneira útil de conseguir informações a respeito da origem dos militares foi a análise dos diversos arrolamentos da administração da WIC, a exemplo de listas de dispensados do serviço, listas de doentes, listas de licenciados, listas de mortos, listas de pagamentos e listas de militares transportados ao Brasil. Muitas dessas listagens continham, além do nome do militar a serviço da WIC, a denominação do local de origem do recrutado. Dessa maneira, foi possível obter a procedência de 4.303 militares que estiveram no Brasil, entre os anos de 1632 a 1639 e 1649 a 1654.²⁸ Do montante coletado, a maior parte, correspondente a 3.348 militares, foi proveniente do livro intitulado “Minutas dos cálculos das contas do pessoal militar que serviu pela WIC no Brasil”, elaborado pelos guarda-livros da WIC Gillis van Schendel e Johan van der Dussen e entregue aos Estados Gerais em 1655.²⁹ O manuscrito contém apontamentos sobre as tropas sediadas no Brasil entre os anos de 1648 e 1654. Além dos militares registrados nas minutas, foram adicionados 955 nomes oriundos de listagens diversas dos anos de 1632, 1637, 1638, 1639 e 1649. A quantia total serviu para a elaboração de uma amostragem dos locais de origem, expressos nos seguintes percentuais da Tabela 1:

Tabela 1 – Origem geográfica de 4.303 militares da WIC que serviram no Brasil entre 1632 e 1654.³⁰

Origem	Número	Percentual
República das Províncias Unidas/Províncias do Norte	1.550	36%
Sacro Império Romano (principalmente os Estados Alemães)	1.131	26,3%
Países Baixos Espanhóis/Províncias do Sul	518	12%
Inglaterra	420	9,8%
França	286	6,7%
Escandinávia	154	3,6%
Escócia	143	3,3%
Irlanda	45	1%
Polônia	33	0,8%
Outros	23	0,5%
Total	4.303	100%

A partir da Tabela 1, observa-se que 64% da tropa da WIC no Brasil, entre 1632 e 1639 e 1649 e 1654, tinha origem fora da República. Desse grupo, destacam-se os que vinham do Sacro Império Romano, principalmente dos Estados Alemães, com 26,3%, seguidos pelos Países Baixos Espanhóis com 12%. As “ilhas britânicas” representavam 14,1%, com pessoas oriundas majoritariamente da Inglaterra – 9,8%. Os franceses somavam 6,7%, enquanto que militares oriundos da Escandinávia (Dinamarca, Suécia e Noruega) reuniam 3,6%. Outras localidades correspondiam a 1,3%.

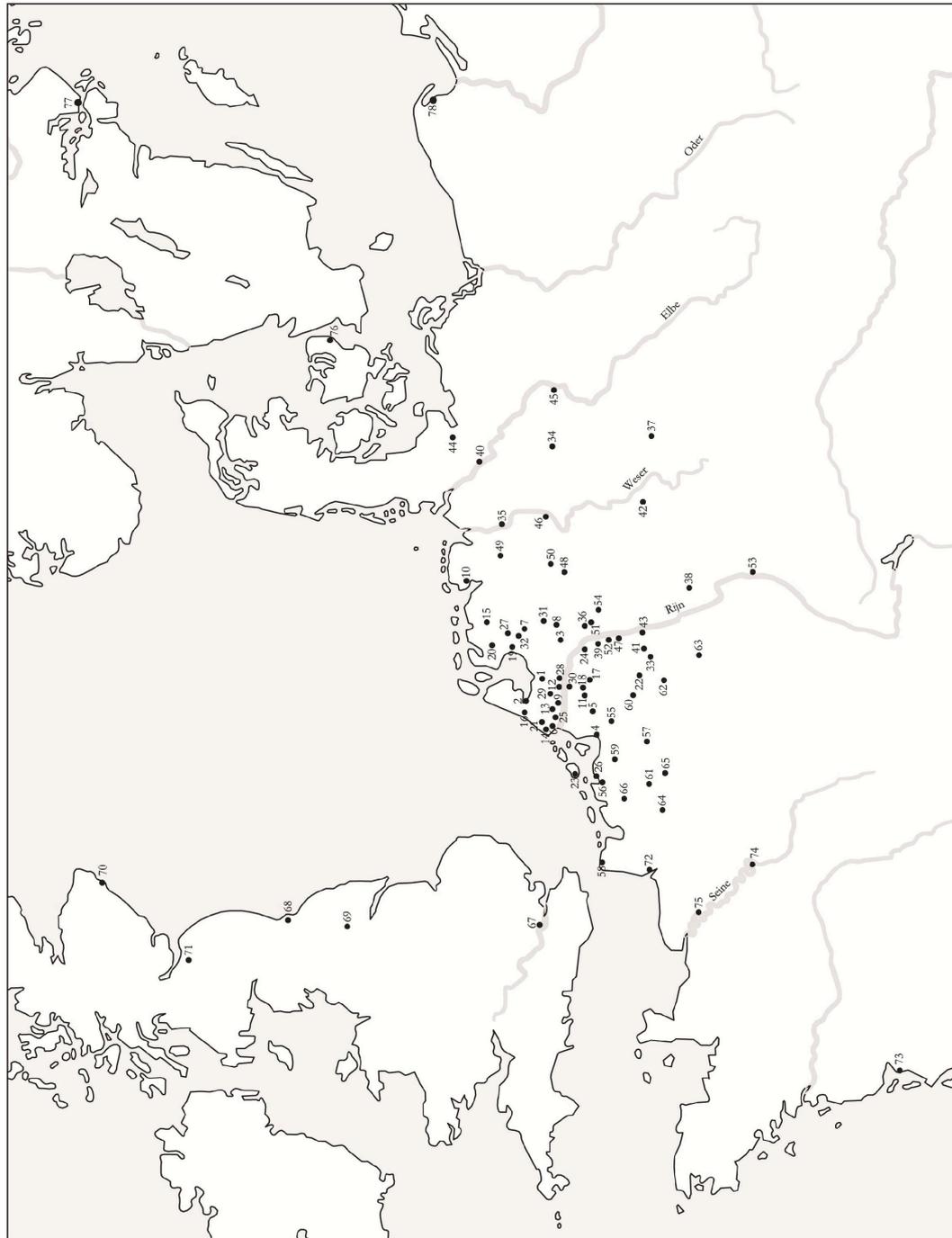
De forma a se obter uma amostragem mais específica das regiões de origem, foram selecionadas, entre as 4.303 cidades citadas, as registradas dez ou mais vezes (ver Mapa 1). Dessa maneira, chegou-se a um número total de 78 cidades: 32 nas Províncias Unidas mais Estados do Brabante;³¹ 22 nas regiões que compunham o Sacro Império Romano;³² 12 nos Países Baixos Espanhóis³³ e outras 12 cidades divididas entre a Inglaterra, Escócia, França, Dinamarca, Suécia e Polônia.³⁴ Das 78 cidades, 66 correspondem às três principais regiões de origem, isto é, Províncias Unidas, Países Baixos Espanhóis e Estados Alemães.

Das cidades da República mais citadas, encontram-se majoritariamente as localizadas na Província da Holanda. Conforme as estimativas de J. I. Israel, entre 1635

e 1700, Amsterdam, Leiden, Haarlem, Rotterdam, Delft e Den Haag (Haia) eram, nessa ordem, os maiores centros populacionais da Província da Holanda.³⁵ As primeiras cidades estavam, nos idos de 1600, entre as 60 maiores cidades da Europa em população.³⁶ Não coincidentemente, todas foram citadas como locais de origem das tropas enviadas ao Brasil. Além dessas seis, foram mencionadas mais três cidades da Província da Holanda (Dordrecht, Gorcum e Gouda). Também estavam entre as mais citadas seis cidades da Província da Guéldria (Arnhem, Doesburg, Nijmegen, Tiel, Zaltbommel e Zutphen), cinco cidades dos Estados do Brabante (Bergen op Zoom, Breda, Geertruidenberg, s'-Hertogenbosch e Heusden), quatro da Província do Overijssel (Deventer, Kampen, Steenwijk e Zwolle), duas da Província de Utrecht (Amersfoort e Utrecht), duas da Província da Zelândia (Middelburg e Sluis), uma da Província da Frísia (Leeuwarden), uma da Província de Groningen (Groningen) e as cidades de Maastricht e de Emden, a última fora das fronteiras da República, mas ocupada por tropas da mesma.³⁷ Aparentemente, todas as áreas da República estavam representadas entre os contingentes da WIC. Além disso, parece que a maior parte dos homens vinha dos centros urbanos e não das áreas rurais.

Como na VOC, não é uma surpresa ressaltar que as pessoas vindas dos Estados Alemães, dentro da área do Sacro Império Romano, compusessem o maior grupo de estrangeiros a serviço da WIC.³⁸ Treze das cidades mais citadas estavam situadas próximas ao curso ou nas margens do rio Reno (Aachen, Cologne, Emmerich, Strasbourg, Frankfurt, Goch, Jülich, Minden, Moers, Münster, Rees, Rheinberg e Wesel). Dessas treze, dez eram localidades da Vestfália. Outras cinco cidades estavam localizadas em áreas da Baixa Saxônia (Braunschweig, Hamburg, Magdeburg, Oldenburg e Osnabrück), região próxima da República, assim como a Vestfália. Das quatro cidades restantes, uma estava dentro da área do Mar do Norte (Bremen), uma na área do Mar Báltico (Lübeck), uma nas margens do rio Fulda (Kassel), tributário do rio Weser, o que permitia a comunicação com a Baixa Saxônia, e outra, Erfurt, próxima ao rio Werra, outro tributário do rio Weser. Como a amostragem de pessoas vindas dos Estados Alemães apresentada é composta em sua maioria por indivíduos registrados entre 1648 e 1649 (996 dos 1.131, ou seja, 88,06%), deve-se fazer a ressalva de que o número de pessoas oriundas dos Estados Alemães está distorcido em relação ao número total de pessoas da Tabela 1, por conta da já mencionada diferença do perfil geográfico dos homens enviados ao Brasil entre 1630 e 1654.

Mapa 1 – Cidades de origem mais citadas da amostragem de 4.303 soldados a serviço da WIC no Brasil.



1. Amersfoort; 2. Amsterdam;
3. Arnhem; 4. Bergen op Zoom;
5. Breda; 6. Delft; 7. Deventer;
8. Doesburg; 9. Dordrecht;
10. Emden; 11. Geertruidenberg;
12. Gorcum; 13. Gouda;
14. s'-Gravenhage; 15. Groninge;
16. Haarlem; 17. s'-Hertogenbosch;
18. Heusden; 19. Kampen;
20. Leeuwarden; 21. Leiden;
22. Maastricht; 23. Middelburg;
24. Nijmegen; 25. Rotterdam;
26. Sluis; 27. Steenwijk; 28. Tiel
29. Utrecht; 30. Zaltbommel;
31. Zutphen; 32. Zwolle;
33. Aachen; 34. Braunschweig;
35. Bremen; 36. Emmerich;
37. Erfurt; 38. Frankfurt;
39. Goch; 40. Hamburg;
41. Jülich; 42. Kassel; 43. Köln;
44. Lübeck; 45. Magdeburg;
46. Minden; 47. Moers;
48. Münster; 49. Oldenburg;
50. Osnabrück; 51. Rees;
52. Rheinberg; 53. Strasburg;
54. Wesel; 55. Antwerpen;
56. Brugge; 57. Brussel;
58. Calais; 59. Gent; 60. Hasselt;
61. Kortrijk; 62. Liège;
63. Luxemburg; 64. Rijssel;
65. Doornik; 66. Ypres;
67. London; 68. Newcastle;
69. York; 70. Aberdeen;
71. Edinburg; 72. Boulogne;
73. La Rochelle; 74. Paris;
75. Rouen; 76. København;
77. Stockholm; 78. Gdańsk.

A maior incidência de registros de cidades oriundas dessas áreas específicas, na amostragem, pode ser explicada por questões de ordem econômica e geográfica. O rio Reno era um caminho natural para a República.³⁹ Tal qual o Reno, rios como o Weser e o Elba poderiam ser utilizados para o deslocamento para o Norte, de onde se podia alcançar a República através de rotas terrestres ou por navegação marítima, via Mar do Norte ou Báltico. Tanto a Vestfália quanto a Baixa Saxônia estavam ligadas às Províncias Unidas por conexões terrestres e fluviais utilizadas no comércio entre os membros da Liga Hanseática. Mais da metade das vinte e duas cidades dos Estados Alemães citadas estavam dentro das rotas de comércio ou fizeram parte da Liga Hanseática. Elas estavam conectadas à República através de rotas terrestres, fluviais ou marítimas.⁴⁰ Então, é sensato supor que as pessoas utilizassem essas mesmas rotas para se deslocar.

Em um estudo baseado em vários relatos de diaristas alemães que foram para Amsterdam e seguiram para a Ásia a serviço da VOC, Roelof van Gelder cita três rotas mais utilizadas por quem se deslocava dos Estados Alemães para os Países Baixos: a primeira rota, para os que navegavam pelo rio Reno, passava por Cologne e de lá, via Nijmegen, chegava a Amsterdam; Também era possível viajar mais a Leste, através do rio Elba para Hamburg. De lá, seguia-se para Amsterdam através do Mar do Norte e do Mar do Sul; Outra rota era terrestre e corria da Baixa Saxônia para Groningen e então, através de Leeuwarden, para Harlingen. De lá, podia-se tomar um barco para Amsterdam.⁴¹ Entre diários e cartas de soldados da WIC enviados ao Brasil, foram observados três exemplos de uso de duas dessas rotas. Ambrosius Richshoffer afirma que “desceu o Reno” para chegar a Amsterdam. Em abril de 1629, durante a feira de páscoa de Frankfurt, Richshoffer pediu demissão de seu serviço e seguiu viagem por Mainz – possivelmente se deslocando entre essas duas cidades pelo rio Main – e por Cologne. Dessa última cidade, ele continuou a descer o Reno até chegar a Amsterdam. Sua viagem foi completada em menos de um mês.⁴² Semelhantemente a Richshoffer, embora cerca de meia década depois, Stephan Carl Behaim, de Nuremberg, saiu de Frankfurt para Amsterdam navegando durante parte de sua viagem pelo rio Reno. Behaim deslocou-se a pé por parte do trajeto e pagou 6 *Reichsthaler* ao barqueiro que o levou de Cologne à Amsterdam.⁴³ Em julho de 1633, Zacharias Wagener saiu de Dresden em uma pequena embarcação e navegou pelo rio Elba até Hamburg, de onde

segiu em um veleiro até Amsterdam.⁴⁴ Locais e períodos distintos, mas utilização semelhante da malha fluvial.

É compreensível o porquê do uso do Reno por Richshoffer e Behaim e do Elba por Wagener, já que os transportes terrestres do período eram, como disse Fernand Braudel, “paralisados”. Segundo Paul Zumthor, no século XVII, quase toda a rede de estradas européias era lamentável. Não eram seguras e não possuíam um bom estado de conservação. Grupos de soldados e bandoleiros assolavam as estradas, atacando diligências e viajantes solitários.⁴⁵ Behaim, sem mencionar diretamente se foi assaltado, relata ter perdido casaco e espada no caminho para Amsterdam. Através de uma carta escrita para sua mãe, ele disse ter passado privações e ter se deslocado 28 milhas a pé em território “inimigo” assolado por camponeses e soldados desertores dos exércitos em conflito na região – uma referência à Guerra dos Trinta Anos – que atacavam, pilhavam e assassinavam transeuntes. Mesmo com tais dificuldades, ele concluiu que “o Senhor” o acompanhou de Frankfurt para Amsterdam “com muito boa fortuna”.⁴⁶ Anos antes, Richshoffer também mencionou ter chegado com segurança a Amsterdam, mas não sem ter corrido perigo de morte, por conta das guarnições espanholas espalhadas na região – alusão a outro conflito nessa área, a Guerra dos Oitenta Anos.⁴⁷

Em relação aos aspectos de ordem econômica, já foi mencionado que a prosperidade econômica da República era por si só um importante fator de atração, que aliado à liberdade religiosa e à existência prévia de uma rede de comunicações – terrestres, fluviais e marítimas – atraía e facilitava o deslocamento de um grande número de pessoas. Ademais, o declínio econômico dos Estados Alemães durante a primeira metade do século XVII também impulsionou a movimentação de “alemães” para a República. De acordo com Van Gelder, as destruições promovidas pela Guerra dos Trinta Anos, especialmente nas regiões de Württemberg (Sudoeste), nas vizinhanças de Nuremberg e em partes da Saxônia, foram determinantes no deslocamento de pessoas. O historiador neerlandês estima ainda que 5% da população neerlandesa dos séculos XVII e XVIII tenha nascido nos Estados Alemães. As regiões mais próximas, entre as cidades e os estados de Schleswig-Holstein, Hamburg (Baixa Saxônia), Bremen, Ostfriesland (Noroeste da Baixa Saxônia) e Oldenburg (Baixa Saxônia), foram as que mais contribuíram com migrantes. No século seguinte, as origens dos migrantes foram predominantes da Baixa Saxônia.⁴⁸ A argumentação de Van Gelder é válida, mas é importante argumentar que os problemas econômicos dos Estados Alemães não foram

decorrentes apenas da destruição gerada pela Guerra dos Trinta Anos, mas também consequência de um declínio anterior a 1618, ocasionado pela política fiscal de Carlos V e Filipe II, pela perda de espaço das cidades alemãs da Liga Hanseática para a Suécia, no Báltico, e pelo surgimento de potências comerciais como a Inglaterra, França e a própria República, que acarretaram o desvio do comércio da região.⁴⁹

De uma forma geral, os Estados Alemães foram afetados de maneira distinta e irregular pela Guerra dos Trinta Anos e o teatro de operações mudou no decorrer do conflito.⁵⁰ Enquanto áreas como a Pomerania, Mecklenburg (ambas ao Norte e próximas ao Mar Báltico) e Württemberg perderam metade de sua população com o conflito, Bavaria, Brandenburg e Franken foram menos afetadas. Cidades como Hamburg, Lübeck e Bremen chegaram até a prosperar e aumentar a população por absorver refugiados de áreas mais afetadas.⁵¹ Esse decréscimo no número de habitantes variou de acordo com o envolvimento das cidades, algumas das quais sofreram mais de 66% de perda enquanto outras não chegaram a 15%. Essa diminuição não significava necessariamente a morte da população, mas migração, conforme pôde ser comprovado pelo crescimento populacional de algumas regiões no pós-guerra, ocasionado pelo retorno dos refugiados, ou pelos exemplos de deslocamentos para áreas menos afetadas.⁵² Entre as cidades mais citadas como locais de origem dos militares da WIC, dentro das regiões da Vestfália e da Baixa Saxônia, as perdas populacionais foram alternadas entre zero e 33%, com algumas áreas com perdas mais acentuadas de até 66% ou mais, a exemplo de Cologne (entre 33 e 66%), Magdeburg (acima de 66%) e Münster (entre 33 e 66%).⁵³ O impacto da guerra pode ter pesado na decisão de muitos em sair de casa, mas não pode ser visto como fator único.

Terceira maior área de origem das tropas enviadas ao Brasil e segunda entre os estrangeiros a serviço da WIC, os Países Baixos Espanhóis tiveram doze cidades entre as mais citadas. Apesar de possuírem um contingente populacional muito menor que os Estados Alemães, os vizinhos da nova República constituíam um dos maiores grupos de estrangeiros nas Províncias Unidas. Uma estimativa ponderada indica que cerca de 100 mil pessoas residentes na República nasceram nos Países Baixos Espanhóis, o que corresponde a cerca de 7% da população. O fator preponderante na decisão de emigrar foi o dano econômico causado pela Guerra dos Oitenta Anos, que teve por palco parte dessa região. Muitos dos que fugiram das terras entre Rijsel, no Sul, e Gent e Brugge, no Norte, acabaram chegando à República Neerlandesa. Alguns desses encontraram

serviço nas próprias tropas da República ou nos exército coloniais, como ficou demonstrado na amostragem coletada.⁵⁴

Algumas das outras cidades mais citadas estavam dentro de tradicionais regiões de migração. A migração das “ilhas britânicas” para a República foi significativa. Soldados ingleses e escoceses participaram da Guerra dos Oitenta Anos desde o início e, no começo do século XVII, o exército da República continha regimentos separados com pessoas desses locais, que se tornaram um dos seus elementos permanentes.⁵⁵ Estima-se que a emigração escocesa na primeira metade do século XVII tenha alcançado cifras entre 85 e 115 mil e de 78 e 127 mil na segunda metade desse século. As Províncias Unidas e a Escandinávia drenaram um terço de todos os migrantes escoceses na primeira metade do século XVII.⁵⁶ Só entre 1620 e 1642, foram encontrados registros de 2.800 soldados escoceses nas Províncias Unidas.⁵⁷ Não é de se admirar que alguns dos migrantes escoceses tenham chegado ao Brasil. O mesmo pode ser dito a respeito de pessoas oriundas da Escandinávia, local de procedência de grandes grupos de homens e mulheres que migraram para a República.⁵⁸

Origem social

Em sua “Apologia” contra as acusações do Conselho do Brasil, o coronel polonês Christoffel Arciszewski, citando Johan Maurits van Nassau-Siegen, registrou que as pessoas admitidas na “Holanda” para o serviço da WIC eram em sua maioria miseráveis que, sendo incapazes de obter o próprio sustento, aceitavam a viagem ao Brasil.⁵⁹ Tal tipo de visão a respeito dos militares da WIC não difere da opinião formulada por pesquisadores que escreveram sobre a origem social dos componentes das inúmeras tropas a serviço dos vários exércitos europeus espalhados em diversas localidades no período estudado. Por vezes, foram comuns expressões depreciativas a respeito dos homens de guerra recrutados, ainda que tais juízos nos contem mais a respeito da atitude dos autores para com os soldados do que a respeito da origem social dessas pessoas.⁶⁰

Conforme foi apontado por alguns pesquisadores, na literatura sobre a VOC também existe uma persistente imagem generalizante, negativa e simplista daqueles que entravam para seu serviço: os milhares de funcionários, entre civis e militares, que compuseram os quadros da VOC eram em sua maioria estrangeiros, pobres caçadores

de fortuna e refugos da Europa Central. Essa era, aliás, uma observação típica feita por altos funcionários da VOC.⁶¹ Sobre a WIC, alguns pesquisadores tiveram o mesmo tipo de visão generalizante, linear ou negativa, no qual os elementos despossuídos, segundo Hermann Wätjen, foram impelidos pelos problemas econômicos que enfrentavam na Europa a viajar para o Brasil. O historiador alemão foi adiante e afirmou ainda que as “tropas coloniais, nos países civilizados da Europa, gozavam da pior fama” e que “era corrente que só a escória da humanidade, o mundo da criminalidade, ia ali procurar e achava seguro valhacouto”.⁶² Era gente “formada freqüentemente na escola de ferocidade que era a Guerra dos Trinta Anos” – aludiu Evaldo Cabral de Mello –⁶³ e que, sem qualquer forma de coibição, sempre estaria inclinada a roubar e a desrespeitar os moradores da colônia,⁶⁴ complementou, nesse sentido, Charles Boxer. O historiador inglês citou ainda um panfleto de 1623, cujo “irônico” escritor afirmou que as pessoas recrutadas nos Países Baixos – fosse para servir aos Estados Gerais ou nas Companhias das Índias – apareciam duas vezes ao ano: uma no verão – quando os recrutados “se assustavam com o trabalho e não podiam suportar o cheiro do próprio suor” – e outra no inverno – quando havia escassez de lenha, turfa e outras provisões de inverno.⁶⁵ Antes de todos eles, o neerlandês Pieter Marinus Netscher fez declaração emblemática a respeito dos militares contratados pela WIC: eles eram a “escória da sociedade” e “não visavam outro fim senão a pilhagem”.⁶⁶

Em pesquisa sobre os “alemães” a serviço da VOC, Roelof van Gelder levantou questões sobre esse tipo de visão, qualificada por ele como depreciativa. Para ele, as observações negativas feitas por altos funcionários da VOC e o nível de salário pago pela VOC foram tomados por base da interpretação a respeito dos recrutados. Sobre o pagamento, o pesquisador neerlandês interpreta que, sendo o valor mensal recebido por soldados e marujos da VOC insuficiente para a manutenção de uma família, formularam-se conclusões de que os recrutados não eram casados e pertenciam às camadas mais baixas da sociedade. Além das generalizações sobre os tipos enviados – miseráveis, vagabundos, desempregados e bandidos – seguiu-se para outras associações como a falta de formação educacional, iletrismo, péssima condição física e mendicância. Através da análise de diários escritos por militares oriundos dos Estados Alemães, o historiador neerlandês pôde falar da origem social de dez diaristas: alguns vinham de famílias com boa condição e todos sabiam ler e escrever. Alguns conheciam latim, outros tiveram educação religiosa e havia aqueles que possuíam até mesmo certo

conhecimento musical. A maioria aprendeu algum ofício e foi jornaleira. Alguns tiveram experiência militar prévia e dois tinham sido oficiais. Trabalhos em atividades burocráticas e comerciais não eram desconhecidos de todos e viagens marítimas já tinham sido feitas por quatro dos homens analisados por ele.⁶⁷

Em outra visão sobre a soldadesca européia do período estudado, Frank Tallett menciona, a partir de um estudo sobre veteranos franceses das três últimas décadas do século XVII, que a maioria dos voluntários das tropas francesas era oriunda do mercado laboral, embora freqüentemente das camadas mais baixas da sociedade: pequenos artesãos, lojistas, jornaleiros, trabalhadores assalariados e do interior, pequenos proprietários, agricultores de subsistência, arrendatários expulsos e obreiros casuais. Poucos admitiram saber fazer outra coisa, senão guerrear. A maioria dos alistados esteve empregada antes de entrar no exército. Mesmo vindo dos níveis mais baixos da sociedade, eles não eram destituídos e tinham em comum a falta de recursos para sobreviver às crises econômicas. Por conta dessa vulnerabilidade, terminavam sendo obrigados a buscar alternativas de sobrevivência.⁶⁸

Uma pesquisa qualitativa na documentação da WIC, nos diários de militares e em outras fontes permitiu a obtenção de informações distintas dessa visão tradicional e que se aproxima com os estudos de Van Gelder e F. Tallett. Embora não se possa afirmar que os grupos enviados ao Brasil eram compostos apenas pelos elementos sugeridos por eles, também não pode ser dito que as pessoas a serviço da WIC vinham majoritariamente da massa de destituídos, criminosos e vagabundos, conforme alguns pesquisadores sugerem, algumas vezes depreciativamente ou de maneira linear.

Dos militares que deixaram diários, cartas e relatos de sua passagem no Brasil, todos parecem compor um perfil aproximado dos homens estudados por Van Gelder e Tallett. Jovens de boa formação que até mesmo estudaram por algum tempo em universidades, como Johann Gregor Aldenburgk, em Jena, e Caspar Schmalkalden, em Groningen, ou que tiveram preceptores, como Ambrosius Richshoffer, ou a possibilidade de ingressar em uma academia, como Stephan Carl Behaim. Parte deles deixou um emprego para trás antes de assinar com a WIC – a exemplo de Ambrosius Richshoffer, Zacharias Wagener, Stephan Carl Behaim, Lorenz Simon e Peter Hansen – , utilizando-se ainda de suas experiências anteriores, capacidades individuais e contatos para melhorar de condição após algum tempo de serviço no exército da WIC no Brasil. Apesar das qualificações, quase todos foram alistados como soldados, à exceção de

Behaim e talvez Cuthbert Pudsey. Mesmo com alguma experiência militar, Simon ingressou como soldado, o que se explica talvez pela falta de um contato para projetá-lo em uma melhor posição.⁶⁹

Todavia, pode ser alegado que as trajetórias dessas pessoas foram exceções e que a origem desse pequeno grupo de militares não deve ser estendida à maior parte dos recrutados. Por isso, os registros de mudanças de posição dentro da WIC durante o serviço no Brasil são importantes. Elas podem indicar que outros homens também tiveram algum tipo de formação educacional ou experiência profissional que poderia lhes permitir uma melhora nas suas condições, ou ao menos o ingresso em atividades menos arriscadas, dentro ou fora da WIC. As aptidões e atividades exercidas na vida civil por essas pessoas foram as mais diversas, de acordo com a documentação consultada: auxiliares administrativos, carpinteiros, cirurgiões, confortadores de doentes, construtores de fortificação, escreventes, ferreiros, jardineiros, marceneiros, padeiros, pedreiros, predicantes, professores e serralheiros.⁷⁰

No geral, tanto os ofícios mecânicos como as funções administrativas ou religiosas requeriam que os contratados tivessem experiência ou ao menos alguma educação básica suficiente ou experiência prévia para o exercício da nova função. O soldado Hans van Envelgun, por exemplo, estava velho para continuar a servir como militar. Foi reaproveitado pela WIC para trabalhar como pedreiro.⁷¹ Já Jan Laurens, que chegou em 1639, era, além de soldado, padeiro.⁷² Outro soldado, Benoit Pellerin, foi admitido como cirurgião, porém foi examinado de forma a dar provas de suas capacidades quando contratado.⁷³ Essas certamente foram funções que eles aprenderam antes de seguir viagem para o Brasil.

No caso das atividades administrativas e religiosas, devia ser indispensável uma capacidade mínima de leitura e escrita, além de algum tipo de formação religiosa. Segundo F. L. Schalkwijk, alguns soldados, possivelmente por sua capacidade de leitura, transformaram-se em confortadores de doentes ou mesmo alcançaram posições mais elevadas dentro da hierarquia da Igreja Reformada do Brasil. O autor adverte ainda que nem todos os soldados ou funcionários civis nomeados confortadores foram indicados para tal função por saberem ler, mas por suas qualidades, no caso daqueles aprovados pela Igreja.⁷⁴

Em 1636, o Presbitério examinou e admitiu como proponente entre os militares oriundos da Inglaterra o inglês Thomas Kemp, que já exercia a função de confortador

desde 1635, quando deixou de ser soldado. Dois anos depois, após curto intervalo de tempo na Europa, foi admitido como segundo professor do Evangelho nas aldeias da Paraíba. Kemp teria seu *status* dentro da Igreja Reformada do Brasil alterado mais uma vez em 1641, quando mudou para a posição de candidato a ministro, com sua ordenação para ministro acontecendo um ano depois.⁷⁵ Suas habilidades o levaram de soldado às posições de consolador dos enfermos, professor, proponente e finalmente ministro da Igreja Reformada, ou seja, de posições não-ordenadas (confortador, professor e proponente) a ordenada (ministro). Em diferentes momentos, durante seus exames de admissão, deu provas de conhecimento teológico e lingüístico, pois lecionou em português aos indígenas e foi examinado em latim e em português pelos membros do Conselho da Igreja.⁷⁶ Outro soldado, Johannes Apricius, enviado pela Câmara de Groningen, trabalhou como professor dos indígenas na missão de Thomas Kemp, na Paraíba. Posteriormente ele foi admitido como proponente, sendo depois ordenado. Foi capelão militar e trabalhou com indígenas e europeus até a rendição das tropas da WIC no Recife, de onde seguiu para o Caribe, onde trabalhou na igreja Anglicana da ilha de São Cristóvão.⁷⁷

Os exemplos citados acima foram referentes a funções sem qualquer relação com as atividades de guerra. No entanto, a contratação de condutores da artilharia, mantenedores de equipamento militar e soldados que haviam saído do serviço de guerra na Europa pode indicar que entre os recrutados havia gente com alguma experiência militar, possivelmente adquirida em algumas das guerras européias do período.⁷⁸ No caso específico de condutores e mantenedores, também é sensato pensar que alguns desses homens tenham aprendido a tratar dos apetrechos de guerra durante os anos de serviço no Brasil, já que geralmente as mudanças de posição dentro ou fora da WIC ocorriam após o término do contrato inicial de três anos. Essas mudanças de posição observadas na documentação, além de indicar mobilidade e promoção social, fornecem indícios sobre a origem social dos recrutados. Gonsalves de Mello comenta que, a partir de 1632, os soldados chegados em 1630 já estavam pedindo baixa da WIC para realizar ofícios manuais ou trabalhar no comércio.⁷⁹ Se eles conseguiram trabalho em um tempo ainda inseguro como aquele, é porque tinham capacidade e algum aprendizado mínimo para o exercício de tais funções. Aliás, em 1634, o número de cidadãos-livres, muitos dos quais oriundos do próprio exército da WIC, era relativamente elevado, haja vista que no Recife podiam ser arregimentadas duas companhias de milicianos de oitenta

homens cada. Nesse mesmo ano, alguns soldados veteranos do Caribe já ganhavam a vida plantando gêneros de subsistência na ilha de Itamaracá, ao Norte da Capitania de Pernambuco.⁸⁰

Perfil social dos recrutados (faixa etária, estado civil & opção religiosa)

Emigrantes tendem a compor um grupo de pessoas na sua fase mais produtiva, ou seja, jovens.⁸¹ O mesmo pode ser dito a respeito daqueles que se alistavam nos exércitos do período estudado. Convém exemplificar: estudos baseados em listas de ex-soldados franceses admitidos no hospital e abrigo para veteranos franceses, *Les Invalides*, entre 1670 e 1691, apontam que 60% dos homens alojados nesse local tinham entre 20 e 30 anos na época de alistamento. Uma considerável proporção, por volta de 24,3%, tinha idade abaixo dos 20. Faixa etária similar também foi observada no exército sueco do início do século XVIII, contrariando as suposições de pesquisadores que indicavam que essas tropas eram compostas majoritariamente por homens velhos e garotos, cujos índices obtidos dentro do percentual total foram respectivamente 6 e 17,7%.⁸² No exército “espanhol” em Flandres, os números são semelhantes. Homens entre os 20 e 40 anos formavam a esmagadora maioria dos que se alistavam, sendo a maior parte na faixa dos 20 anos.⁸³ Dos militares que seguiram para as Índias Orientais pesquisados por Roelof van Gelder, o grosso se alistou por volta dos 24 anos de idade e alguns poucos o fizeram acima dessa idade.⁸⁴ Tal faixa etária é semelhante à obtida em outro estudo sobre o pessoal da VOC, feito por Herman Ketting, que estabeleceu a média de 23 anos e dois meses para os soldados e cerca de 7 anos a mais para os oficiais não comissionados, tanto na marinha, quanto no exército da VOC.⁸⁵

Os dados obtidos a respeito dos militares não comissionados que compuseram as tropas da WIC no Brasil são insuficientes para o estabelecimento preciso de sua faixa etária. Ambrosius Richshoffer se alistou aos 17 anos de idade, enquanto Zacharias Wagener e Peter Hansen, aos 20. Os dois últimos saíram de casa aos 19 anos de idade. Já Stephan Carl Behaim tinha 23 anos quando foi contratado pela WIC em 1635.⁸⁶ Menções às idades, em relação aos militares, são incomuns na documentação oficial da WIC. Situações como a sentença de um jovem tambor que tinha “por volta de 18 anos de idade” (*out ontrent 18 jaren*) e o batismo de um soldado de 23 anos permitiram a obtenção de mais informações sobre a faixa etária das tropas.⁸⁷ O mesmo pode ser dito

sobre listas de militares doentes ou feridos que retornaram à Europa, embora nos casos encontrados não tenha sido observado nenhum indicativo direto de idade. Os soldados Thomas Smit e Doncker Manchoul, por exemplo, foram mandados para casa sob a justificativa de terem idade avançada e também em decorrência, respectivamente, de doença e ferimento adquiridos.⁸⁸ Hans van Envelgun, citado anteriormente, também foi considerado velho, mas teve a chance de ficar do Brasil por ser pedreiro, ofício do qual a WIC tinha necessidade.⁸⁹

Ao contrário dos documentos do governo da WIC, os protocolos de notários nos Países Baixos fornecem elementos diretos a respeito da idade da gente de guerra recrutada para o Brasil. Os registros podem ser divididos entre as menções à idade na época de alistamento e os apontamentos sem qualquer indicação do início do serviço. Entre os militares da primeira categoria, sete soldados que fizeram declarações em um notário de Amsterdam. Eles partiram para o Brasil quando tinham entre 18 e 30 anos de idade, sendo a maior parte desse pequeno grupo de gente na faixa dos 22 anos de idade.⁹⁰ O outro grupo, de 34 militares de variadas patentes e procedências, tinha idade entre 18 e 38 anos. Eram em sua maioria soldados e oficiais não comissionados, além de um trompetista.⁹¹ Também é possível perceber que usualmente uma maior idade significa maior patente, o que pode mostrar que a ascensão dentro do exército estava atrelada à experiência militar anterior e tempo de serviço, algo também observado entre os homens da VOC.⁹²

Como mencionado, os exemplos citados são escassos para a determinação da faixa etária. Mas a partir do que foi verificado por pesquisadores na literatura a respeito da VOC e de algumas tropas européias, além dos exemplos individuais obtidos na documentação, pode-se supor que a faixa etária dos homens a serviço da WIC não fosse muito distinta daquelas estabelecidas pelos autores citados. O exército da WIC era composto em sua maioria de homens jovens e adultos em sua idade mais produtiva, não compondo, nos séculos XVII e XVIII, um ajuntamento de meninos e velhos como podem pensar alguns autores.⁹³

Poucas foram as evidências encontradas a respeito do estado civil dos soldados enviados ao Brasil. Pode-se supor que a maior parte da tropa fosse composta de solteiros. Mas tal assertiva pode ser decorrente da escassa documentação existente a respeito dos contingentes populacionais que migraram ou transmigraram para o Brasil e também consequência da grande quantidade de pessoas alistadas na faixa etária mais

jovem. Pesquisadores dedicados ao estudo do “Brasil Neerlandês” não trataram do tema diretamente e as poucas observações feitas sobre o assunto normalmente estiveram relacionadas às tentativas de esboçar o quantitativo populacional geral e ao problema da falta de mulheres brancas na conquista.⁹⁴ Nesse extrato, o objetivo foi levantar algumas informações sobre o estado civil dos militares no momento em que foram enviados.

Apesar dos poucos subsídios disponíveis na documentação, foi possível obter alguns dados sobre a chegada de mulheres junto com as tropas – inclusive com filhos. Listas de passageiros – civis e militares – indo ou voltando do Brasil foram os tipos de fonte que mais forneceram informações sobre a questão. Uma tabela indicando a saída de nove embarcações para o Brasil, entre dezembro de 1645 e fevereiro de 1646, lista o envio de 614 soldados e somente 23 mulheres de soldados, além de 9 crianças.⁹⁵ A diferença de proporção é imensa, mas ao menos é uma evidência da viagem de soldados junto com suas esposas para o Brasil.

Na lista de soldados a embarcar no navio *St. Jacob*, da companhia do Capitão Jean Pierron, passados em revista no dia 28 de maio de 1639, foram relacionadas 9 mulheres e 3 crianças, para um total de 144 militares, entre comissionados e não comissionados. Foi verificado que Hendrick Warrin, um dos militares a embarcar, não foi incluído na contagem supracitada porque fugiu – no dia 26 de julho – com sua mulher antes de chegar ao Brasil, possivelmente durante alguma parada da embarcação no trajeto.⁹⁶ Outro soldado, Hans Selver, teve que pagar 1 florim e 4 *stuivers* por dia na viagem de retorno de sua esposa – junto com uma criança – à Europa.⁹⁷

Alguns outros documentos contêm informações individuais de gente casada. O já mencionado soldado Hans van Envelgun estava acompanhado de sua mulher quando foi admitido pela WIC em 1637.⁹⁸ Um sargento oriundo de York, William Brooks, vivia com sua esposa, a neerlandesa Margariete Gerritsdr., quando se tornou homem-livre e seguiu para os Barbados, no Caribe, retornando anos depois à Amsterdam.⁹⁹ Em outro caso particular, datado de novembro de 1642, Caspar Schmalkalden narra em seu diário que batizou o filho de um soldado nascido no trajeto entre Texel e Recife. Schmalkalden embarcou no navio *Elephant* junto com 36 soldados e 4 mulheres, sem incluir nessa contagem os membros da tripulação.¹⁰⁰

O serviço de assistência a viúvas e órfãos organizado pela Igreja Reformada também serve de indicativo de que alguns militares eram casados, embora não se saiba se eles contraíram matrimônio antes do embarque ou no Brasil. De acordo com F. L.

Schalkwijk, ao comentar sobre o serviço de assistência a viúvas e órfãos, o número de mulheres que perderam os maridos militares aumentou significativamente após o início da rebelião portuguesa (1645) e depois das batalhas dos montes Guararapes (1648 e 1649).¹⁰¹ Wätjen também falou da frequência com que as viúvas de soldados “batiam à porta do Secretário do Conselho” no Brasil para cobrar os vencimentos dos maridos mortos após a primeira batalha do Guararapes.¹⁰² Mas isso não ocorreu apenas nesses tempos calamitosos. Provavelmente por não ter ninguém a quem recorrer, certa Christiaen Jochemsz. (sic), viúva de um soldado morto ainda nos primeiros anos de ocupação, pediu ao Conselho Político para continuar a receber a ração do falecido marido, o que lhe foi concedido.¹⁰³ Como dito, o difícil é saber se essas mulheres acompanharam os maridos ou se contraíram matrimônio na conquista. Como havia poucas mulheres brancas solteiras provenientes do Norte da Europa no Brasil, pode ser que as esposas de parte dos militares fossem mulheres locais, isto é, brancas, mestiças da terra, indígenas ou negras.¹⁰⁴

Deve-se igualmente levar em conta a possibilidade de muitos militares terem deixado mulheres e crianças na Europa, conforme pode ser observado nos pedidos de pagamento de salários feitos na Europa por viúvas de soldados que serviram no Brasil ou nas procurações assinadas por militares para que suas esposas pudessem sacar seus salários nos escritórios da WIC nos Países Baixos. Era inclusive uma praxe que os recrutados da VOC entregassem às esposas, filhos e parentes, antes de partir para as Índias, autorizações de saque de sua conta na companhia de comércio.¹⁰⁵ De acordo com Herman Ketting, um em cada quatro marítimos que assinava com a VOC era casado e deixava para trás a esposa na Europa, além de uma autorização para o saque do soldo, algo útil se ela morasse próximo de um escritório da VOC, o que nem sempre era o caso, considerando o número de estrangeiros alistados.¹⁰⁶

Mais uma vez, os registros de notários nos Países Baixos servem para dar um indicativo mais apurado sobre a condição dos militares da WIC. Em maio de 1634, Olivier Oliviersz. Lichthart, soldado proveniente de Leiden, antes de partir para as “Índias Ocidentais”, deixou metade de seus bens para seu irmão e duas irmãs e a outra parte para sua futura mulher, Grietgen Dirckxdr.¹⁰⁷ Meses depois, o soldado escocês Jan Abernatch, de Glasgow, também seguindo para as “Índias Ocidentais”, nomeou como seus herdeiros universais sua filha, Janette Abernatch, moradora de Glasgow, sua esposa Aechtge Henrickxdr. – uma neerlandesa – e uma terceira pessoa de nome Jan

Garnaer. Ele também autorizou Jan Garnaer e esposa a sacarem seu “salário e dinheiro de butim” na WIC em benefício de sua filha Janette.¹⁰⁸

Mas nem sempre os militares deixavam procurações ou heranças para as esposas, que eram obrigadas a provar à WIC seu relacionamento com os maridos de maneira a ter direito a receber seus vencimentos. Duas viúvas, em março de 1645, tentaram reaver os salários dos maridos mortos a serviço da WIC. Anthonette van Houtt, moradora de Leeuwarden, tentou provar sua ligação através do testemunho do tenente Abraham Jandott, de Metz, que havia servido com seu marido Pieter van Houtt, de Haia, sargento da WIC no Brasil e integrante da frota de Johan Maurits van Nassau-Siegen em 1636. De lá, Van Houtt teria partido para Angola, onde faleceu.¹⁰⁹ Com o mesmo propósito de identificar à WIC quem era seu marido, Trijntje Casparsdr. tentou, através dos testemunhos do ex-soldado da WIC no Brasil e Angola, Hendrick van Hoorn, e de sua esposa Grietje Eldersdr., provar que seu marido, um inglês de nome Robbert Jansz, havia morrido no Recife. O casal teria conhecido o inglês em Recife.¹¹⁰ Esses casos remetem ainda à história de muitas esposas de militares que não voltaram para casa após a rendição da WIC em 1654. Algumas delas continuaram a tentar receber os vencimentos dos maridos devidos pela WIC.¹¹¹

Outro registro de que havia homens casados na WIC pode ser proveniente das queixas feitas pelo Conselho da Igreja contra prostitutas, algumas das quais esposas de militares ausentes. Por isso, os predicantes insistiam para que elas não fossem separadas dos maridos e caíssem no meretrício.¹¹² Naturalmente, a iniciativa de seguir os companheiros podia também ser tomada pelas esposas. Em 1636, certa Margariet Pleij pediu permissão ao governo para poder viver com o marido, soldado em São Lourenço. A súplica foi deferida.¹¹³ Talvez ela não fosse a única a conviver na guarnição com os militares. Muitas mulheres, com suas crianças, deviam viver com seus maridos nas guarnições espalhadas no território. Uma listagem feita no período posterior à rebelião dos moradores aponta para a existência no Brasil de um elevado número de mulheres e crianças de pessoas a serviço da WIC. Infelizmente, não foi especificado se eram familiares de militares e se moravam nas guarnições, mas uma ata diária do governo emitida em junho de 1646 indicia que pelo menos parte podia estar relacionada aos militares. O governo pedia que fosse feito um arrolamento das mulheres e crianças que viviam nos fortes de maneira a lhes fornecer pão.¹¹⁴

Da mesma forma que o grupo de homens enviados ao Brasil era de origem geográfica e social distinta, variada também era a religião que professavam. Mesmo não sendo possível estabelecer quantos seguiram essa ou aquela religião em números, é presumível que, a partir da origem geográfica das tropas, se obtenha uma idéia geral a respeito da religião dos militares a serviço da WIC no Brasil. Portanto, especula-se que a maioria dos militares despachados para o Brasil seguisse a religião protestante – calvinista e luterana. Contudo, haja vista a heterogeneidade dos locais de origem dos militares, não seria insensato dizer que poderia haver uma boa parcela de católicos e de outros tipos de protestantes – que coexistiam na própria República, a exemplo dos anabatistas e batistas – entre a tropa recrutada.¹¹⁵ A tolerância religiosa e a liberdade de consciência garantida pelos Estados Gerais podem ter levado ainda judeus – asquenazes e sefarditas – para as fileiras do exército da WIC.¹¹⁶

Entre os neerlandeses da República e a gente dos Países Baixos Espanhóis, os calvinistas deviam ser a maioria, mas isso pode não ser fixo. Também era abundante o número de luteranos entre os homens oriundos dos Estados Alemães e Suécia, apesar de não ter sido estabelecida qualquer congregação luterana no Brasil. Isso porque o Conselho da Igreja não considerava sábio haver uma manifestação pública de divisão entre os protestantes, o que podia prejudicar a causa reformista. Católicos eram numerosos entre os militares franceses da WIC, mas também devia haver uma grande quantidade de huguenotes entre os homens da França, haja vista a construção de uma igreja francesa em Mauritsstad, em 1642. Aliás, as congregações inglesa e francesa no Brasil não eram separadas da igreja local, embora as pessoas oriundas dessas localidades tivessem encontros separados por conta das diferenças de idioma.¹¹⁷

Problemas religiosos dentro do exército da WIC forneceram mais elementos sobre a opção religiosa dos homens enviados ao Brasil. Desde o início da invasão houve muitas queixas contra soldados franceses que desertaram para o lado português por serem católicos, de acordo com os reivindicantes. Ainda sobre o mesmo problema, como referido anteriormente, em 1645, o Conselho Supremo queixou-se e pediu aos representantes da WIC na República para que nenhum francês “papista” fosse enviado ao Brasil, a não ser os de religião reformada, porque muitos deles passavam para o lado do inimigo.¹¹⁸

Em ocasiões distintas, ataques às igrejas católicas demonstram que havia radicais protestantes entre os membros do exército. Foi o que se observou na igreja

jesuíta de Nossa Senhora da Graça, em Olinda. De acordo com evidências arqueológicas, antes de ser incendiado, o templo teve quatro imagens de santos católicos decapitadas, possivelmente vandalizadas por militares.¹¹⁹ Vale lembrar que pilhagens e saques às igrejas e moradores promovidos por militares da WIC muitas vezes foram justificados por terem sido confiscadas “mercadorias de padres e prataria de igreja”, conforme mencionou em suas memórias o coronel polonês Christoffel Arciszewski.¹²⁰ Tais atitudes acirravam ainda mais as diferenças entre a WIC e os locais, sendo uma das razões basilares do levante de 1645.

Conclusão

O objetivo desse artigo foi tratar a respeito da origem social e geográfica dos homens engajados como militares da WIC entre os anos de 1629 e 1653. Apesar de ser um tema espinhoso, haja vista a dificuldade de encontrar fontes diretas e a quase ausência de estudos na historiografia, foi possível saber, por exemplo, que a maior parte dos homens enviados ao Brasil era constituída de estrangeiros. Embora não seja uma surpresa que essa gente tenha majoritariamente nascido fora das fronteiras das Províncias Unidas, até então não foi feita qualquer estimativa da proporção de estrangeiros enviados e dos locais de procedência. Observou-se que de mais de 4 mil recrutados para compor o exército da WIC citados em diferentes documentos datados dos anos entre 1632 e 1655, 64% eram oriundos de terras fora da República. Era gente proveniente dos Estados Alemães (26,3%), dos Países Baixos Espanhóis (12%), da Inglaterra (9,8%), da França (6,7%), da Escandinávia (3,6%), da Escócia (3,3%) e de outras localidades (2,3%). Os recrutados nascidos na República das Províncias Unidas constituíam 36% do número total da amostragem, uma quantidade relativamente semelhante aos índices de estrangeiros e de homens locais empregados no exército da VOC, nos séculos XVII e XVIII.¹²¹ Essas informações são mais apuradas do que as usualmente vinculadas na historiografia e diferem daquelas mencionadas pelos historiadores neerlandeses P. C. Emmer, W. Klooster e V. Enthoven a respeito do local de origem dos estrangeiros saídos das Províncias Unidas e empregados em funções distintas em diversas áreas do Atlântico entre 1600 e 1800.¹²²

A generalização sobre a procedência da soldadesca não se limitou à questão geográfica e também foi feita no que tange à origem social dos recrutados.

Historiadores como P. M. Netscher, Hermann Wätjen e C. R. Boxer foram taxativos em mostrar os recrutados como miseráveis ou criminosos,¹²³ algo certamente influenciado pelas fontes consultadas e também usualmente especulado sobre os contratados da VOC, conforme expôs Roelof van Gelder no livro *Het Oost-Indisch avontuur*.¹²⁴ Documentos da administração da WIC no Brasil, diários, cartas e registros de cartórios de cidades neerlandesas serviram para demonstrar o quão errônea é a noção de que apenas o refúgio da sociedade aceitava o serviço de guerra. Certamente muitos foram forçados a migrar por causa de conflitos em suas regiões de origem e por conta da pobreza, mas parte dos recrutados também enxergava as Províncias Unidas como um local onde poderiam receber melhores salários e onde teriam mais chances de melhorar de vida. É natural que a WIC, enquanto uma das maiores empregadoras do período, drenasse parte desse amplo fluxo de migrantes que se apinhavam nas ruas das principais cidades neerlandesas. Portanto, a gente enviada ao Brasil era proveniente desse heterogêneo grupo de homens que foram às áreas centrais do Oeste das Províncias Unidas entre os anos de 1600 e 1800 com o objetivo principal de residir, trabalhar temporariamente ou servir em suas tropas, navios e colônias.

Muitas pessoas com o conhecimento de um ofício e sem experiência militar se alistaram no exército da WIC. Estudos feitos por F. Redlich, R. van Gelder, M. McConnell e outros autores – cada um pesquisando um exército estacionado em um lugar diferente no globo –, demonstram que as tropas européias dos séculos XVII e XVIII normalmente tinham na base de suas fileiras camponeses, carpinteiros, ferreiros, pedreiros, tecelões, sapateiros, etc.¹²⁵ Pesquisa em documentos da WIC, em diários de ex-militares e em declarações de notários de cidades da República apontam para um padrão semelhante no Brasil.

Ademais, as atividades desempenhadas pelos recrutados antes do ingresso no exército tiveram influência direta em sua saída da WIC e em sua promoção social. Nas atas diárias do governo podem ser encontrados diversos exemplos de militares que passaram a exercer funções diferentes daquelas para as quais eles foram inicialmente contratados. Era gente que deixava o arriscado serviço de guerra para ingressar em funções civis da WIC, para trabalhar como mecânicos, para entrar no serviço médico e até mesmo para servir na Igreja Reformada. Outros tornaram-se homens-livres e foram trabalhar por conta própria ou para particulares. Esses casos não devem ser vistos como exceções. Outro elemento corrobora para tal observação: a quantidade de ex-soldados

que mudaram de função e voltaram a exercer sua profissão anterior no Brasil. Ela foi elevada o suficiente para que as opiniões sobre a origem social da tropa feitas por P. M. Netscher, H. Wätjen, C. R. Boxer e Evaldo Cabral de Mello possam, no mínimo, ser repensadas.

Apesar de as evidências documentais colhidas não permitirem o estabelecimento de um perfil social preciso dos recrutados, é possível inferir que esses homens eram em sua maioria jovens e adultos estrangeiros, de faixa etária que variava entre 18 e 38 anos de idade e de religião protestante – conquanto o elemento católico tenha sido bem representado. Muitos podiam ter deixado para trás esposas e filhos, não constituindo um grupo eminentemente de jovens e solteiros, visão corrente na historiografia neerlandesa da VOC e do mundo naval.

¹ Bruno Romero Ferreira Miranda é doutor em História pela Universidade de Leiden, Países Baixos, e autor da tese de doutorado “Gente de guerra: Origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (1630-1654)”. O presente artigo foi baseado no primeiro capítulo de sua tese.

² HANSEN, Peter. “Memorial und Jurenal von alles was auff meine Reiß, mir selber wiederfahren, ansonsten gepassert, von Tage und Dato verzeichnet, angefangenn Anno 1643.” In: IBOLD, Frank; JÄGER, Jens; KRAACK, Detlev. *Das Memorial und Jurenal des Peter Hansen Hajstrup (1624-1672)*. Neumünster: Wachholtz Verlag, 1995, p. 61.

³ Ibid., pp. 61-68; KRAACK, D. A. “Flensburg, an early modern centre of trade. The autobiographical writings of Peter Hansen Hajstrup (1624-1672).” In: RODING, Juliette; HEERMA VAN VOSS, Lex (ed.). *The North Sea and Culture (1550-1800)*. Hilversum: Verloren, 1996, pp. 239-241.

⁴ LUCASSEN, Jan. “The North Sea: a crossroad for migrants?” In: RODING, Juliette; HEERMA VAN VOSS, Lex (ed.). Op. Cit., p. 175.

⁵ LUCASSEN, Jan. “The Netherlands, the Dutch, and Long-Distance Migration, in the Late Sixteenth to Early Nineteenth Centuries.” In: CANNY, Nicholas. *Europeans on the Move. Studies on European Migration, 1500-1800*. Oxford: Clarendon Press, 1994, p. 153.

⁶ BOXER, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*. London: Hutchinson, 1977, p. 58; SCHAMA, Simon. *O desconforto da riqueza. A cultura holandesa na época de ouro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 171-172.

⁷ PARKER, Geoffrey. *The military revolution. Military innovation and the rise of the West 1500-1800*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 49; LUCASSEN, Jan. “The Netherlands, the Dutch, and Long-Distance Migration.” In: CANNY, Nicholas. Op. Cit., pp. 181-182; VRIES, Jan de; WOUDE, Ad van der. *The First Modern Economy. Success, failure, and perseverance of the Dutch economy, 1500-1815*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, pp. 72-78.

⁸ LUCASSEN, Jan. “The Netherlands, the Dutch, and Long-Distance Migration.” In: CANNY, Nicholas. Op. Cit., pp. 165-166; ISRAEL, Jonathan Irvine. *The Dutch Republic: Its rise, greatness and fall, 1477-1806*. Oxford: Clarendon Press-Oxford, 1995, p. 620.

⁹ LUCASSEN, Jan. “The North Sea: a crossroad for migrants?” In: Roding, Juliette; Heerma van Voss, Lex (ed.). Op. Cit., p. 176.

¹⁰ BOXER, Charles Ralph. Op. Cit., p. 51.

¹¹ RICHSHOFFER, Ambrosius. “Reise nach Brasilien 1629-1632.” In: NABER, S.P.I'Honoré. *Reisebeschreibungen von Deutschen Beamten und Kriegsleuten im Dienst der Niederländischen West- und Ost-Indischen Kompagnien 1602-1797*. vol. I. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1930, p. 5.

¹² No que se refere aos movimentos migratórios de europeus saídos da República para a América, ver: BOOGAART, Ernst van den. “The Servant Migration to New Netherland, 1624-1664.” In: EMMER, P. C. *Colonialism and Migration; Indentured Labour Before and After Slavery. Comparative Studies in Overseas History*; vol. 7. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1986, pp. 55-81; EMMER, P. C.; KLOOSTER, Willem W. “The Dutch Atlantic, 1650-1800: Expansion without Empire.” In: *Itinerario. European Journal of the Overseas History*. Leiden: Vol. XXIII, no. 2, 1999, pp. 48-69; ENTHOVEN, Victor. “Dutch crossings; Migration between the Netherlands and the New World, 1600-1800.” In: *Atlantic Studies: Literary, Cultural and Historical Perspectives*. vol. 2, issue 2, 2005, pp. 153-176; JACOBS, Jaap. “Soldaten van de Compagnie: het militair personeel van de West-Indische Compagnie in Nieuw-Nederland.” In: EBBEN, Maurits; WAGENAAR, Pieter (ed.). *De cirkel doorbroken. Met nieuwe ideeën terug naar de bronnen. Opstellen over de Republiek*. Leiden: Instituut voor Geschiedenis. Leidse Historische Studiën 10, 2006, pp. 131-146; KRUIJTZER, Gijs. “European migration in the Dutch sphere.” In: OOSTINDIE, Gert (ed.). *Dutch colonialism, migration and cultural heritage*. Leiden: KITLV Press, 2008, pp. 97-154; LUCASSEN, Jan. “The Netherlands, the Dutch, and Long-Distance Migration.” In: CANNY, Nicholas. Op. Cit., pp. 153-191.

¹³ Ver, por exemplo, as observações feitas pelos pesquisadores neerlandeses: MEUWESE, Marcus P. ‘*For the peace and well-being of the country*’: *intercultural mediators and Dutch-Indian relations in New Netherland and Dutch Brazil, 1600-1664*. Indiana: Tese de doutorado da Universidade de Notre Dame, 2003, p. 245; KRUIJTZER, Gijs. “European migration in the Dutch sphere.” In: OOSTINDIE, Gert (ed.). Op. Cit., p. 111; GROESEN, Michiel van. “Officers of the West India Company, their networks, and their personal memories of Dutch Brazil.” In: HUIGEN, Siegfried; DE JONG, Jan L.; KOLFIN, Elmer (ed.). *Dutch Trading Companies as Knowledge Networks*. Leiden: Brill, 2010, p. 39.

¹⁴ EMMER, P. C. “The West India Company, 1621-1791: Dutch or Atlantic?” In: BLUSSÉ, Leonard; GAASTRA, Femme (ed.). *Companies and Trade. Essays on Overseas Trading Companies during the Ancien Régime*. Leiden: Leiden University Press, 1981, p. 89; BOOGAART, E. van den; EMMER, P. C. “Colonialism and migration: an overview.” In: EMMER, P. C. Op. Cit., pp. 3-4.

¹⁵ Nationaal Archief, Den Haag (NA), Oude Verenigde Westindische Compagnie (OWIC) 60, doc. 1, 1645. No original: “*Messieurs, les François, Valons, Anglais, Flamends et Alemans et toute autre nation [...]*”.

¹⁶ TALLETT, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*. London: Routledge, 1992, p. 88.

¹⁷ GELDER, Roelof van. *Het Oost-Indisch avontuur. Duitsers in dienst van de VOC (1600-1800)*. Nijmegen: SUN, 1997, p. 53; ZWITZER, H. L. ‘*De militie van den staat*’: *het leger van de Republiek der Verenigde Nederlanden*. Amsterdam: Van Soeren & CO, 1991, p. 61.

¹⁸ BOXER, Charles Ralph. Op. Cit., p. 161.

¹⁹ TALLETT, Frank. *War and society in early-modern Europe, 1495-1715*, p. 89.

²⁰ BRUIJN, J. R.; LUCASSEN, J. (ed.). *Op de schepen der Oost-Indische Compagnie. Vijf artikelen van J. de Hullu*. Groningen: Wolters-Noordhoff/Bouma’s Boekhuis, 1980, pp. 18-24, 139-140; A respeito da República, o já mencionado trabalho de H. L. Zwitzer – ‘*De militie van den staat*’ – é uma referência indispensável. Deve-se conferir também: NIMWEGEN, Olaf van. ‘*Deser landen crijchsvolck*’. *Het Staatse leger en de militaire revoluties (1588-1688)*. Amsterdam: Uitgeverij Bert Bakker, pp. 43-47.

²¹ BRUIJN, J. R.; LUCASSEN, J. (ed.). Op. Cit., p. 24; GAASTRA, Femme S. *The Dutch East India Company. Expansion and Decline*. Zutphen: Walburg Pers, 2003, p. 81.

²² BOXER, Charles Ralph. Op. Cit., p. 80.

²³ GELDER, Roelof van. Op. Cit., pp. 14, 55. Ver também: KETTING, Herman. *Leven, werk en rebellie aan boord van Oost-Indiëvaarders (1595-1650)*. Amsterdam: Aksant, 2002, pp. 47, 50.

²⁴ WÄTJEN, Hermann. *O Domínio Colonial Holandês no Brasil. Um capítulo da história colonial do século XVII*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, 2004, p. 382; MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos. Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001, pp. 174, 251-252.

²⁵ EMMER, P.C.; KLOOSTER, W. Op. Cit., p. 54; ENTHOVEN, Victor. Op. Cit., p. 162. Enthoven especifica essa origem para os soldados, enquanto que Emmer e Klooster falam do componente Europeu “não-neerlandês” migrante como um todo, incluindo ainda judeus ibéricos e do Norte da Europa, mulheres e crianças.

²⁶ JACOBS, Jaap. Op. Cit., pp. 135-136. O pequeno quantitativo da amostragem de Jacobs deve-se ao tamanho dos efetivos na região, muito menores que os das tropas dispostas no Brasil.

²⁷ BOXER, Charles Ralph. Op. Cit., p. 80; Ver também: MELLO, José Antônio Gonsalves de. Op. Cit., p. 174.

²⁸ Uma barreira encontrada para a determinação das origens dos homens que foram ao Brasil está relacionada à instabilidade política das regiões de origem de parte da gente recrutada, decorrente da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) ou da Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648). Entre 1630 e 1654, essas áreas possuíam fronteiras muito fluidas e mudaram de posse no decorrer das múltiplas campanhas militares realizadas. Isso termina por tornar a observação de origem de alguns militares um tanto que grosseira e até mesmo imprecisa. Tomaram-se por base as fronteiras existentes antes da época da “Paz da Vestfália” (1648), como ficaram conhecidos ambos os tratados de Münster e Osnabrück, que trouxeram, respectivamente, o fim da Guerra dos Oitenta Anos e dos Trinta Anos. A justificativa para tal escolha está baseada no fato de que os conflitos supracitados foram iniciados muito antes do período de estudo – 1568 e 1618 – e as fronteiras estabelecidas antes da assinatura do tratado de 1648 poderiam estar mais próximas dos limites territoriais do momento de recrutamento. De qualquer forma, isso não será rígido e servirá apenas de baliza para a localização dos territórios de origem.

²⁹ NA, Staten-Generaal (SG) 12582.7, 1655.

³⁰ NA, OWIC 49, doc. 186, 1632; NA, OWIC 49, doc. 219, 1632; NA, OWIC 52, doc. 31, 03/1637; NA, OWIC 52, doc. 160, 1637; NA, OWIC 53, doc. 5, 1638; NA, OWIC 53, doc. 91, 22-06-1638; NA, OWIC 53, doc. 36, 1638; NA, OWIC 54, doc. 78, 08-04-1639; NA, OWIC 54, doc. 90, 10-05-1639; NA, OWIC 54, doc. 134, 05/1639; NA, OWIC 54, doc. 137, 16-06-1639; NA, OWIC 54, doc. 139, 14-06-1639; NA, OWIC 54, doc. 143; NA, OWIC 54, doc. 155, 29-07-1639; NA, OWIC 54, doc. 156, 08-07-1639; NA, OWIC 54, doc. 157, 30-07-1639; NA, OWIC 65, doc. 187, 15-04-1649; NA, OWIC 68, 1637; NA, SG 12582.7, 1655.

³¹ Amersfoort, Amsterdam, Arnhem, Bergen op Zoom, Breda, Delft, Deventer, Doesburg, Dordrecht, Emden, Geertruidenberg, Gorcum, Gouda, s'-Gravenhage, Groningen, Haarlem, s'-Hertogenbosch, Heusden, Kampen, Leeuwarden, Leiden, Maastricht, Middelburg, Nijmegen, Rotterdam, Sluis, Steenwijk, Tiel, Utrecht, Zaltbommel, Zutphen e Zwolle. Correspondente a 1.042 citações (67,22%) do total de 1.550.

³² Aachen, Braunschweig, Bremen, Emmerich, Erfurt, Frankfurt, Goch, Hamburg, Jülich, Kassel, Köln, Lübeck, Magdeburg, Minden, Moers, Münster, Oldenburg, Osnabrück, Rees, Rheinberg, Strasburg e Wesel. Correspondente a 440 citações (38,90%) do total de 1.131.

³³ Antwerpen, Brugge, Brussel, Calais, Gent, Hasselt, Kortrijk, Luik, Luxemburg, Rijsel, Doornik e Ypres. Correspondente a 337 citações (65,05%) do total de 518.

³⁴ Inglaterra: London, Newcastle e York; Escócia: Aberdeen e Edinburg; França: Boulogne, La Rochelle, Paris e Rouen; Dinamarca: København (Copenhague); Suécia: Stockholm; Polônia: Gdańsk. Correspondente a 252 citações.

³⁵ ISRAEL, Jonathan Irvine. Op. Cit., p. 621. Ver também: VRIES, Jan de; WOUDE, Ad van der. Op. Cit., pp. 46-57.

³⁶ BAIROCH, Paul; BATOU, Jean; Chèvre, Pierre. *La population des villes européennes de 800 à 1850. Banque de données et analyse sommaire des résultats*. Genève: Librairie Droz, 1988, p. 278.

³⁷ ISRAEL, Jonathan Irvine. Op. Cit., pp. 251-252, 260.

³⁸ GELDER, Roelof van. Op. Cit., p. 14.

³⁹ MELLO, Evaldo Cabral de. *Nassau: governador do Brasil holandês*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 23.

⁴⁰ Ver os mapas: A. Hanzesteden in de lage landen; C. De Hanze. In: *De Bosatlas van de geschiedenis*. Groningen: Noordhoff Uitgevers, 2008, p. 12 e Die Hanse und ihr Wirtschaftsraum. In: *Westermann Grosser Atlas zur Weltgeschichte*. Braunschweig: Westermann, 1978, p. 84. Para as redes de comércio de produtos agrícolas que ligavam os Países Baixos e os Estados Alemães, ver: ISRAEL, Jonathan Irvine. Op. Cit., p. 333; VRIES, Jan de; WOUDE, Ad van der. Op. Cit., pp. 13-16.

⁴¹ GELDER, Roelof van. Op. Cit., pp. 131-133.

⁴² RICHSHOFFER, Ambrosius. Op. Cit., pp. 5, 43; É de se supor que ele, em algum momento de seu trajeto nas Províncias Unidas, tenha alterado sua rota, porque não é possível chegar diretamente a Amsterdam pelo Reno.

⁴³ Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Amsterdam, 21/08/1635 (carta número 53); Carta de Stephan Carl para Lucas Friederich. Amsterdam, 10/10/1635 (carta número 54). In: OZMENT, Steven. *Three Behaim Boys. Growing Up in Early Modern Germany*. New Haven/London: Yale University Press, 1990, pp. 254, 260.

⁴⁴ WAGENER, Zacharias. “Kurze Beschreibung der 35-jährige Reisen und Verrichtungen.” In: *Dutch Brazil. The “Thierburch” and “Autobiography” of Zacharias Wagener*. vol. II. Rio de Janeiro: Editora Index, 1997, p. 222.

⁴⁵ BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII. As Estruturas do Cotidiano: O Possível e o Impossível*. vol. 1. São Paulo: Martins Fontes, 1997, pp. 379, 383; ZUMTHOR, Paul. *A Holanda no tempo de Rembrandt*. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1992, p. 54.

⁴⁶ Carta de Stephan Carl para Maria Magdalena Baier. Amsterdam, 21/08/1635 (carta número 53). In: Ozment, Steven. Op. Cit., p. 254.

⁴⁷ Na volta para casa, depois de ter terminado seu serviço na WIC, Richshoffer não teve a mesma sorte. Apesar de não ter seguido os “caminhos ordinários”, foi atacado por tropas suecas. RICHSHOFFER, Ambrosius. “Op. Cit., pp. 5, 137-138; Outro ex-soldado da WIC no Brasil, Johann Gregor Aldenburgk, também foi atacado no retorno para casa, em 1626, após servir em Salvador entre 1624 e 1625. Todavia, ele não foi vítima de bandidos, mas de camponeses que o tomaram por inimigo croata. ALDENBURGK, Johann Gregor. *Relação da conquista e perda da cidade de Salvador pelos holandeses em 1624-1625*. Brasiliensia Documenta, vol. 1. São Paulo: 1961, p. 231.

⁴⁸ GELDER, Roelof van. Op. Cit., pp. 54, 64-65.

⁴⁹ Sobre os problemas financeiros dos governos de Carlos V e Filipe II, ver: EDWARDS, John; LYNCH, John. *Historia de España. 4. Edad Moderna – El auge del imperio, 1474-1598*. Barcelona: Crítica, 2005, pp. 464-473, 655-701; Há todo um antigo e longo debate entre os pesquisadores da Guerra dos Trinta Anos a respeito do declínio econômico anterior à guerra ou posterior a ela. Theodor Rabb escreveu um artigo para mostrar os posicionamentos dos historiadores da chamada “escola desastrosa” e dos que advogavam um “declínio anterior” ao ano de 1618. Ele afirma que não é possível falar de um declínio econômico uniforme em uma vasta região. O certo é que a guerra levou grande destruição, tendo agravado as condições de áreas em declínio ou levado à crise áreas que não tivessem problemas econômicos. É importante reafirmar que isso não aconteceu de maneira uniforme: RABB, Theodore K. “The Effects of the Thirty Years’ War on the German Economy.” In: *The Journal of Modern History*, vol. 34, no. 1, 1962; FRIEDRICHS, Christopher R. “The war and German society.” In PARKER, Geoffrey (ed.). *The Thirty Year’s War*. New York: Routledge, 2007, p. 191. A respeito da Liga Hanseática, seu declínio já era aparente desde o começo do século XVI, embora as cidades participantes continuassem a se desenvolver. A organização da Hansa não lhes era mais útil e a liga terminou desaparecendo na terceira década do século XVII. Ela foi substituída por uma limitada aliança entre as cidades de Lübeck, Hamburg e Bremen. MAURO, Frédéric. “Merchant communities, 1530-1750.” In: TRACY, James D. (ed.). *The Rise of Merchant Empires. Long-distance Trade in the Early Modern World 1350-1750*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, pp. 256-257.

⁵⁰ FRIEDRICHS, Christopher R. “The war and German society”. In: Parker, Geoffrey (ed.). Op. Cit., pp. 186-192. LEE, Stephen J. *A Guerra dos Trinta Anos*. São Paulo: Editora Ática, 1994, pp. 65-67; MORTIMER, Geoff. *Eyewitness Accounts of the Thirty Years War 1618-1648*. Basingstoke: Palgrave, 2002, p. 2; RABB, Theodore K. “The Effects of the Thirty Years’ War on the German Economy.” In: *The Journal of Modern History*, p. 48; RUFF, Julius R. *Violence in Early Modern Europe, 1500-1800*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, pp. 60-61.

⁵¹ ANDERSON, Matthew S. *War and Society in Europe of the Old Regime, 1618-1789*. England: Leicester University Press/Fontana Paperbacks, 1988, p. 69; FRIEDRICHS, Christopher R. “The war and German society.” In: PARKER, Geoffrey (ed.). Op. Cit., pp. 188-189.

⁵² LEE, Stephen J. Op. Cit., pp. 65-67; RUFF, Julius R. Op. Cit., pp. 60-61.

⁵³ LEE, Stephen J. Op. Cit., p. 65; *Westermann Grosser Atlas zur Weltgeschichte*, p. 107.

⁵⁴ LUCASSEN, Jan. “The Netherlands, the Dutch, and Long-Distance Migration.” In: CANNY, Nicholas. Op. Cit., pp. 155-156. Ver também: GUTMANN, Myron P. *War and rural life in the early modern Low Countries*. Assen: Van Gorcum, 1980, pp. 134-135. Para o número de refugiados durante a Guerra dos Oitenta Anos em fins do século XVI, ver: PARKER, Geoffrey. “War and Economic Change: the Economic Costs of the Dutch Revolt.” In: WINTER, J. M. (ed.). *War and Economic Development*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975, pp. 50-52.

⁵⁵ PRICE, J.L. “Regional identity and European culture: The North Sea region in the Early Modern Period.” In: RODING, Juliette; HEERMA VAN VOSS, Lex (ed.). Op. Cit., p. 79.

⁵⁶ LUCASSEN, Jan. “The North Sea: a crossroad for migrants?” In: RODING, Juliette; HEERMA VAN VOSS, Lex (ed.). Op. Cit., p. 178.

⁵⁷ SMOUT, T. C.; LANDSMAN, N. C.; DEVINE, T. M. “Scottish Emigration in the Seventeenth and Eighteenth Centuries.” In: CANNY, Nicholas. Op. Cit., p. 84.

⁵⁸ LUCASSEN, Jan. “The North Sea: a crossroad for migrants?” In: RODING, Juliette; HEERMA VAN VOSS, Lex (ed.). Op. Cit., p. 179.

⁵⁹ ARCISZEWSKI, Christoffel. “Apologie van Artichofsky tegen de beschuldiging van den Raad van Brazilië, ingeleverd aan de Staten Generaal in augustus 1639.” In: *Kroniek Historisch Genootschap*. Utrecht: Kemink en Zoon, 1869, nº 16, p. 365; Arciszewski deixou o Brasil após desentendimentos com o governador Johan Maurits van Nassau-Siegen. Seu texto apologético foi uma tentativa reabilitação frente aos Estados Gerais. Uma maneira de mostrar as circunstâncias de sua saída e de fazer denúncias contra o governo da WIC no Brasil, do qual Johan Maurits, seu desafeto, era peça central.

⁶⁰ TALLETT, Frank. Op. Cit., p. 85.

⁶¹ Gelder, Roelof van. Op. Cit., pp. 12-13; Ver também: GAASTRA, Femme S. Op. Cit., pp. 88-91. Não é preciso recuar muito no passado para ver esse tipo de visão negativa generalizante. Ver: BRUIJN, J. R.; LUCASSEN, J. (ed.). Op. Cit., p. 18.

⁶² WÄTJEN, Hermann. Op. Cit., p. 380.

⁶³ MELLO, Evaldo Cabral de. Op. Cit., p. 57.

⁶⁴ BOXER, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654* 2ª Edição. Recife: Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, 2004, p. 181.

⁶⁵ BOXER, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*, Op. Cit., p. 79.

⁶⁶ NETSCHER, Pieter Marinus. *Les Hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays-Bas et le Brésil au XVIIe Siècle*. La Haye: Belinfante Frères, 1853, p. 180.

⁶⁷ GELDER, Roelof van. Op. Cit., pp. 12-13, 57, 64-68.

⁶⁸ TALLETT, Frank. Op. Cit., p. 88; Ver também: PARKER, Geoffrey. *The military revolution*, Op. Cit., pp. 46-47.

⁶⁹ ALDENBURGK, Johann Gregor. Op. Cit.; HANSEN, Peter. Op. Cit.; OZMENT, Steven. Op. Cit.; PUDSEY, Cuthbert. *Journal of a residence in Brazil, 1629-1640*. Petrópolis: Editora Index, 2000; RICHSHOFFER, Ambrosius. Op. Cit.; SCHMALKALDEN, Caspar. *The voyage of Caspar Schmalkalden from Amsterdam to Pernambuco in Brazil*. Rio de Janeiro: Editora Index, 1998; SIMON, Lorenz. *Prasilische Reise von einem Teutschen Soldaten in America, wie es ihm allda ergangen auch Leib und Lebens-Gefahr allda ausstehen müssen Namens Lorenz Simon aus Sachsen von Bernsdorff in Thüring. Gedruck't im Jahr 1677*; WAGENER, Zacharias. Op. Cit.; Ver também: Miranda, Bruno Romero Ferreira. *Gente de guerra: Origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (1630-1654)*. Leiden: Tese de doutorado da Universidade de Leiden, 2011, pp. 347-351.

⁷⁰ NA, OWIC 68, 16-04-1635; NA, OWIC 68, 18-10-1635; NA, OWIC 68, 03-01-1636; NA, OWIC 68, 14-01-1636; NA, OWIC 68, 15-01-1636; NA, OWIC 68, 06-03-1637; NA, OWIC 68, 19-05-1637; NA, OWIC 68, 22-05-1637; NA, OWIC 68, 08-06-1637; NA, OWIC 68, 29-07-1637; NA, OWIC 68, 11-08-1637; NA, OWIC 68, 14-09-1637; NA, OWIC 68, 13-10-1637; NA, OWIC 68, 17-11-1637; NA, OWIC 54, doc. 157, 30-07-1639; Um confortador de doentes (*ziekentrooster*) era um trabalhador não ordenado da Igreja Reformada, cujo trabalho estava ligado inicialmente aos doentes, mas que posteriormente foi estendido a bordo das embarcações e nas fortificações. Admoestação e leitura da Bíblia também foram feitas não apenas para os moribundos, mas para pessoas incapazes de ler, pobres e órfãos. Alguns confortadores passaram a cuidar das igrejas, trabalhar entre os indígenas, confortando, catequizando e até mesmo servindo de professores. SCHALKWIJK, Frans Leonard. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*. Zoetermeer: Uitgeverij Boekencentrum, 1998, p. 133; Gonsalves de Mello cita os casos de um soldado, dois sargentos, um cadete e um alferes contratados entre 1630 e 1636 para erigir obras de fortificação no Recife e Antônio Vaz. MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, Op. Cit., pp. 50-51.

⁷¹ NA, OWIC 68, 06-03-1637.

⁷² NA, OWIC 54, doc. 157, 30-07-1639.

⁷³ NA, OWIC 68, 19-05-1637.

⁷⁴ SCHALKWIJK, Frans Leonard. Op. Cit., pp. 137-138.

⁷⁵ NA, OWIC 68, 23-07-1636; SCHALKWIJK, Frans Leonard. Op. Cit., pp. 178-179; O Presbitério era a convenção dos consistórios (Conselho da Igreja) das igrejas locais.

⁷⁶ Ata da Classe do Brasil de 16 de dezembro de 1636, sessões 1 e 2; Ata da Classe do Brasil de 29 de outubro de 1638, sessão 3, artigo primeiro; Ata da Classe do Brasil de 17 de outubro de 1641, sessão 3, ponto 9, artigo 17. SCHALKWIJK, Frans Leonard. “A Igreja Cristã Reformada no Brasil Holandês.” In: *Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano*. Recife: vol. LVIII, 1993.

⁷⁷ SCHALKWIJK, Frans Leonard. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, Op. Cit., pp. 180-181.

⁷⁸ NA, OWIC 68, 16-04-1635; NA, OWIC 68, 04-02-1636; NA, OWIC 68, 19-05-1637; NA, OWIC 68, 06-08-1637; NA, OWIC 68, 10-10-1637; Ver os casos de Stephan Carl Behaim e de Lorenz Simon, ambos ex-militares do exército sueco durante a Guerra dos Trinta Anos.

⁷⁹ MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, Op. Cit., p. 57.

⁸⁰ Ibid., pp. 57, 161.

⁸¹ BAILYN, Bernard. “Introduction: Europeans on the Move, 1500-1800.” In: Canny, Nicholas. Op. Cit., p. 4.

⁸² TALLETT, Frank. Op. Cit., pp. 85-86.

⁸³ PARKER, Geoffrey. *The Army of Flanders and the Spanish Road. The Logistics of Spanish Victory and Defeat in the Low Countries, 1567-1659*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 20.

⁸⁴ GELDER, Roelof van. Op. Cit., pp. 65, 113.

⁸⁵ KETTING, Herman. Op. Cit., pp. 51-52.

⁸⁶ KRAACK, D. A. “Flensburg, an early modern centre of trade. The autobiographical writings of Peter Hansen Hajstrup (1624-1672).” In: RODING, Juliette; HEERMA VAN VOSS, Lex (ed.). Op. Cit., p. 42; RICSHOFFER, Ambrosius. Op. Cit., pp. 42-43; TEIXEIRA, Dante Martins. “The “Thierbuch” and “Autobiography” of Zacharias Wagener.” In: *Dutch Brazil. The “Thierburch” and “Autobiography” of Zacharias Wagener*, Op. Cit., p. 11; OZMENT, Steven. Op. Cit., p. 1.

⁸⁷ NA, OWIC 55, doc. 3, 28-01-1639; WASCH, C. J. “Een doopregister der Hollanders in Brazilië.” In: *Algemeen Nederlandsch Familieblad. Tijdschrift voor Geschiedenis, Geslacht-, Wapen-, Zegelkunde. Enz.* vol. 6, no. 3. 's-Gravenhage: Genealogisch en Heraldisch Archief, 1889, p. 77.

⁸⁸ NA, OWIC 49, doc. 138 A; 138 B, 1631.

⁸⁹ NA, OWIC 68, 06-03-1637.

⁹⁰ Stadsarchief Amsterdam (SAA), Notarieel Archief (NA), 1283, doc. 9-9v, 23-01-1641; SAA, NA, 1292/27, 27-11-1645; SAA, NA, 1286/30, 04-12-1642; SAA, NA, 1283/1, 02-01-1641; SAA, NA, 1283/2v, 08-01-1641.

⁹¹ Gemeentearchief Rotterdam (GAR), Oud Notarieel Archief (ONA), inv. no. 168, 91/131, 22-03-1638; GAR, ONA, inv. no. 199, 54/102, 28-04-1639; SAA, NA, 1280/66v-67, 20-05-1639; GAR, ONA, inv. no. 201, 197/262, 17-02-1641; GAR, ONA, inv. no. 202, 58/80, 07-05-1641; SAA, NA, 1289/8v-19v, 08-02-1644; SAA, NA 1289/109, 05-08-1644; SAA, NA, 1289/132v, 25-08-1644; SAA, NA, 1289/133, 26-08-1644; SAA, NA, 1289/135-136, 27-08-1644; SAA, NA, 1289/157, 16-09-1644; SAA, NA, 1289/165, 30-09-1644; SAA, NA, 1290/60, 30-12-1644; SAA, NA, 1291/41v, 11-03-1645; SAA, NA, 1291/62, 19-04-1645; SAA, NA, 1291/92v, 17-06-1645; SAA, NA, 1291/161, 11-09-1645; SAA, NA, 1306/214, 15-11-1656; SAA, NA, 1291/187v, 04-10-1645; SAA, NA, 1293/26v, 16-03-1646; SAA, NA, 1293/171v, 17-09-1646.

⁹² Sobre o “princípio de antiguidade” na VOC ver: NIERSTRASZ, Jan Christiaan. *In the shadow of the Company. The VOC (Dutch East India Company) and its Servants in the Period of its Decline (1740-1796)*. Leiden: Tese de doutorado da Universidade de Leiden, 2008, pp. 166-168. Ver também: KETTING, Herman. Op. Cit., pp. 51-52.

⁹³ Ver a crítica de Herman Ketting a J. R. Bruijn e J. Lucassen: KETTING, Herman. Op. Cit., p. 54.

⁹⁴ MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, Op. Cit., pp. 58, 77.

⁹⁵ NA, SG 5758, 1645/1646.

⁹⁶ NA, OWIC 54, doc. 157, 30-07-1639.

⁹⁷ NA, OWIC 53, doc. 160, 31-04-1638.

⁹⁸ NA, OWIC 68, 06-03-1637.

⁹⁹ SAA, NA, 1293/40v-41v, 30-03-1646.

¹⁰⁰ SCHMALKALDEN, Caspar. Op. Cit., pp. 28-30.

¹⁰¹ SCHALKWIJK, F. L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, Op. Cit., pp. 125-127.

¹⁰² WÄTJEN, Hermann. Op. Cit., p. 341.

¹⁰³ NA, OWIC 68, 05-11-1635.

¹⁰⁴ Sobre os matrimônios de gente da WIC com mulheres da “terra ou portuguesas”, ver: MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, Op. Cit., pp. 59, 148-152. F. L. Schalkwijk também menciona o matrimônio de militares com mulheres locais, tanto portuguesas, quanto indígenas e negras. O número de casamentos não parece ser pequeno. Ele fala que no registro batismal da Igreja Reformada foram encontradas cerca de 600 referências de batismos de “africanos”. Alguns podiam ser filhos de militares com negras, como o caso de certo soldado chamado Jan e sua esposa Dominga, que levaram seu filho John para o sacramento poucos dias antes da rendição do Recife em 1654. SCHALKWIJK, Frans Leonard. *The Reformed Church in Dutch Brazil*, Op. Cit., pp. 49, 51. Sobre os vários casamentos de militares da WIC com mulheres indígenas ver também: MEUWESE, Marcus P. Op. Cit., pp. 246, 309-

310, 318. Outros dados sobre o casamento de “neerlandeses” com mulheres locais podem ser obtidos em: SILVA, Marco Antônio Nunes da. *O Brasil holandês nos cadernos do Promotor: Inquisição de Lisboa, século XVII*. São Paulo: Tese de doutorado da Universidade de São Paulo, 2003, pp. 40-45.

¹⁰⁵ GELDER, Roelof van. Op. Cit., p. 58; KETTING, Herman. Op. Cit., pp. 52-53.

¹⁰⁶ KETTING, Herman. Op. Cit., pp. 52-54.

¹⁰⁷ GAR, ONA, inv. no. 185, 353/451, 17-05-1634.

¹⁰⁸ GAR, ONA, inv. no. 194, 210/309, 01-08-1634.

¹⁰⁹ SAA, NA, 1291/43, 15-03-1645.

¹¹⁰ SAA, NA, 1291/41v, 11-03-1645.

¹¹¹ NA, SG 12564.43, doc. 11-20, 1655.

¹¹² MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, Op. Cit., pp. 130-131; Ata da Classe Brasileira, realizada no Recife de Pernambuco, no dia 21 de Novembro de 1640, sessão 2, artigo 9; Ata da Classe do Brasil, Recife, 17 de outubro de 1641, sessão 3, artigo 9. SCHALKWIJK, Frans Leonard. “A Igreja Cristã Reformada no Brasil Holandês.”, Op. Cit..

¹¹³ NA, OWIC 68, 07-07-1636.

¹¹⁴ MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, Op. Cit., p. 77; NA, OWIC 71, 14-06-1646.

¹¹⁵ SCHALKWIJK, F. L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, Op. Cit., pp. 151-152.

¹¹⁶ WIZNITZER, Arnold. “Jewish soldiers in Dutch Brazil (1630-1654).” In: *American Jewish Historical Society Publications*. vol. 46:1, 1956, pp. 40-41; BREDA, Daniel Oliveira. *Vicus Judæorum: Os judeus e o espaço urbano do Recife neerlandês (1630-1654)*. Natal: Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Natal, 2007, pp. 99-100.

¹¹⁷ SCHALKWIJK, F. L. *The Reformed Church in Dutch Brazil (1630-1654)*, Op. Cit., pp. 74-76, 268; ISRAEL, Jonathan Irvine. “Religion Toleration in Dutch Brazil (1624-1654).” In: ISRAEL, Jonathan Irvine; SCHWARTZ, Stuart B. *The Expansion of Tolerance. Religion in Dutch Brazil (1624-1654)*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2007, p. 21.

¹¹⁸ MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*, Op. Cit., pp. 251-252.

¹¹⁹ ALBUQUERQUE, Marcos. “Holandeses en Pernambuco. Rescate material de la Historia”. In: PÉREZ, José Manuel Santos; SOUZA, George F. Cabral de Souza (ed.). *El desafío holandés al dominio ibérico en Brasil en el siglo XVII*. Salamanca: Aquilafuente: 2006, pp. 114-115.

¹²⁰ ARCISZEWSKI, Christoffel. ‘Memorie door den Kolonnel Artichofsky, bij zijn vertrek uit Brazilië in 1637 overgeleverd aan Graaf Maurits en zijnen Geheimen Raad’. In: *Kroniek Historisch Genootschap*. Utrecht: Kemink en Zoon, 1869, no. 16, p. 329.

¹²¹ BRUIJN, J. R.; LUCASSEN, J. (ed.). Op. Cit., p. 24.

¹²² EMMER, P.C.; KLOOSTER, W. Op. Cit., p. 54; ENTHOVEN, Victor. Op. Cit., pp. 161-162.

¹²³ BOXER, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*, Op. Cit., pp. 101-102, 181; BOXER, Charles Ralph. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*, Op. Cit., p. 79; NETSCHER, Pieter Marinus. Op. Cit., p. 180; WÄTJEN, Hermann. Op. Cit., p. 380.

¹²⁴ GELDER, Roelof van. Op. Cit., pp. 12-13.

¹²⁵ GELDER, Roelof van. Op. Cit., p. 182; MCCONNELL, Michael N. *Army and Empire. British Soldiers on the American Frontier, 1758-1775*. Lincoln/London: University of Nebraska Press, 2004, p. 60; REDLICH, Fritz. “The German Military Enterpriser and his work force. A study in european economic and social history.” In: *Vierteljahrschrift für Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*. vol. 1. no. 47. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag GMBH, 1964, pp. 456-459. Ver também: BLACK, Jeremy. *European Warfare, 1494-1660*. London/New York: Routledge, 2002, p. 13; PARKER, Geoffrey. *The military revolution*. Op. Cit., pp. 46-47; TALLETT, Frank. Op. Cit., pp. 85, 88.